



Vitória Raquel Pereira de Souza  
(Organizadora)  
Jackson Ronie Sá-Silva  
(Organizador)

# A DISCUSSÃO DO BULLYING NO CAMPO DA EDUCAÇÃO



Editora  
Uema

A obra *A discussão do bullying no campo da Educação* resulta de uma construção coletiva e intersetorial desenvolvida no âmbito do Programa Ensinar de Formação de Professores da Universidade Estadual do Maranhão, Curso de Ciências Biológicas Licenciatura, em articulação com escolas públicas do município de Arari (Maranhão), o Conselho Tutelar e a rede de proteção à criança e ao adolescente.

O livro reúne reflexões teóricas e experiências práticas sobre o fenômeno do *bullying* escolar, analisando suas implicações para a saúde mental, o rendimento acadêmico e a convivência estudantil. A partir de múltiplos olhares — de professores, estudantes, pesquisadores em formação e profissionais da Educação — a obra problematiza o papel da escola e, especialmente, do ensino de Ciências na construção de abordagens críticas, humanizadoras e educacionais frente às micro e macro violências que são orquestradas pelas práticas de *bullying*.

Fundamentado nos princípios pedagógicos de Paulo Freire, o livro valoriza o diálogo, a escuta e a formação de sujeitos críticos e reflexivos no enfrentamento do *bullying* como fenômeno sociocultural complexo. Além disso, apoia-se em marcos legais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei nº 14.811/2024, que estabelece medidas de enfrentamento ao *bullying* e à violência escolar.

Ao propor práticas educativas comprometidas com a ética, a cidadania e a transformação social, a obra contribui para o fortalecimento de ambientes escolares seguros, inclusivos e acolhedores, e afirmando a Educação como espaço de promoção de direitos e de construção coletiva de novas formas de convivência.

ISBN 978-85-8227-721-8

ISBN: 978-85-8227-721-8



© copyright 2026 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA.

## A discussão do *bullying* no campo da Educação

**EDITOR RESPONSÁVEL**  
Jeanne Ferreira Sousa da Silva

### CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho • Ana Lucia Abreu Silva  
Ana Lúcia Cunha Duarte • Cynthia Carvalho Martins  
Eduardo Aurélio Barros Aguiar • Emanuel Cesar Pires de Assis  
Fabiola Hesketh de Oliveira • Helciane de Fátima Abreu Araújo  
Helidacy Maria Muniz Corrêa • Jackson Ronie Sá da Silva  
José Roberto Pereira de Sousa • José Sampaio de Mattos Jr  
Luiz Carlos Araújo dos Santos • Marcos Aurélio Saquet  
Maria Medianeira de Souza • Maria Claudene Barros  
Rosa Elizabeth Acevedo Marin • Wilma Peres Costa

Diagramação: Paul Philippe  
Capa: Yuri Jorge Almeida da Silva

P912 A discussão do *bullying* no campo da educação [Ebook] / organizadores Vitória Raquel Pereira de Souza, Jackson Ronie Sá-Silva – São Luís: EDUEMA, 2026.

92 p.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-8227-721-8

1. Bullying. 2. Ensino de Ciências. 3. Ensino Fundamental. I. Souza, Vitória Raquel Pereira de. II. Sá-Silva, Jackson Ronie. II. Título.

CDU: 37.06:001.891

**Elaborado por Cássia Diniz - CRB 13/910**

EDITORA UEMA  
Cidade Universitária Paulo VI - CP 09 Tirirical - CEP - 65055-970 São Luís - MA  
www.editorauema.uema.br - editora@uema.br



## Agradecimentos

A realização deste projeto só foi possível graças à colaboração generosa de muitas mãos, mentes e corações.

Agradecemos, primeiramente, à professora *Maria Goretti Cavalcante de Carvalho*, pela condução sensível e comprometida da Coordenação Geral do Programa Ensinar de Formação de Professores da Universidade Estadual do Maranhão, cuja visão humanizadora e incentivo constante tornaram possível a articulação entre ensino, pesquisa e transformação social.

Ao professor Jackson Ronie Sá-Silva e ao Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-Encex) – UEMA / CNPq, expressamos nossa mais profunda gratidão e reconhecimento. Sua atuação foi fundamental em todas as etapas deste livro, tanto na coordenação acadêmica quanto no suporte institucional e científico que subsidiou o projeto. A orientação comprometida, o rigor científico, a sensibilidade formativa e o incentivo constante foram decisivos para a concretização desta obra, fortalecendo o elo entre universidade, escola e comunidade.

À professora *Vitória Raquel Pereira de Souza*, nossa eterna gratidão por ter sido a mentora deste processo desde o início. Foi a partir de uma atividade da disciplina de Metodologia Científica, por ela conduzida, com entusiasmo e sensibilidade, que nasceu a proposta deste livro. Com olhar generoso e fé no potencial dos estudantes como pesquisadores iniciantes e futuros professores, acolheu, orientou e impulsionou a escrita deste livro. Sua escuta atenta, seu compromisso ético com a educação libertadora e sua crença na pesquisa como ferramenta de transformação social foram fundamentais para que este trabalho se tornasse realidade. Certamente, essa experiência marcará a trajetória de todos os envolvidos e contribuirá para a formação de educadores comprometidos com uma sociedade mais justa, equânime e livre de qualquer forma de preconceito.

Ao professor *Raimundo de Oliveira Rocha Filho*, coordenador do Polo de Arari (MA), nosso reconhecimento pelo apoio direto às atividades locais, pela mediação com as escolas e pelo acolhimento às nossas inquietações e propostas.

À Secretaria Municipal de Educação, agradecemos por sua escuta ativa, abertura ao diálogo e apoio institucional, fundamentais para a realização das pesquisas nas escolas do município.

Estendemos nossos sinceros agradecimentos a todos os *gestores* e *coordenadores pedagógicos* que, com disponibilidade e compromisso, permitiram o acesso às escolas e enriqueceram as reflexões com suas vivências.

De forma especial, registramos nossa admiração e gratidão aos *professores* e *estudantes* que participaram da pesquisa, compartilharam suas histórias, dores, esperanças e sonhos. Suas vozes são a essência desta escrita e nos ensinam que enfrentar o *bullying* é também promover uma educação baseada no respeito, na escuta e na dignidade.

Que este livro reforce a importância da cooperação entre universidade, escola e comunidade na construção de uma educação libertadora, capaz de acolher, proteger e transformar.

## Apresentação

O livro *A discussão do bullying no campo da Educação* é resultado de uma construção coletiva e intersetorial desenvolvida no âmbito do Programa Ensinar da Universidade Estadual do Maranhão, curso de Ciências Biológicas – Licenciatura, em diálogo com escolas públicas do município de Arari, o Conselho Tutelar local e demais atores da rede de proteção à criança e ao adolescente. Trata-se de um esforço acadêmico e social para refletir, analisar e propor caminhos diante da complexa e urgente temática do *bullying* escolar.

Este livro reúne diferentes olhares de estudantes, professores, pesquisadores em formação e profissionais da Educação sobre a presença do *bullying* nas escolas e seus efeitos sobre a saúde mental, o desempenho acadêmico e a convivência dos estudantes. Ao longo dos capítulos, as autoras e os autores exploram como o ensino de Ciências pode ser uma ferramenta poderosa na abordagem crítica e humanizadora do *bullying*, integrando conhecimento científico, valores éticos e compromisso social.

O livro também se fundamenta em bases legais, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a recente Lei nº 14.811/2024, que trata do enfrentamento ao *bullying* e à violência escolar. A inspiração pedagógica de Paulo Freire percorre todo o livro, iluminando a escuta ativa, o diálogo e a prática docente comprometida com a transformação social.

Nosso objetivo é contribuir com práticas educativas que promovam ambientes escolares mais seguros, inclusivos e acolhedores, reconhecendo estudantes e educadores como sujeitos de direitos, capazes de transformar suas realidades por meio do conhecimento, do afeto e do compromisso coletivo.

*Vitória Raquel Pereira de Souza*

*Jackson Ronie Sá da Silva*

## Prefácio

Na década de 1970, o psicólogo sueco-norueguês Dan Olweus utilizou pela primeira vez o termo *bullying*, cuja origem deriva da palavra inglesa *bully*, que significa “valentão” e/ou “tirano”, para descrever um tipo específico de comportamento agressivo, violento e repetitivo, que envolvia um desequilíbrio de poder entre crianças e adolescentes em escolas na Noruega e na Suécia. De lá para cá, a palavra tem sido amplamente utilizada e popularizada ao longo das últimas décadas no Brasil, sobretudo a partir da Lei nº 13.185/2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Entretanto, naquele momento, caminhando de mãos dadas com umas das legislações nacionais mais elogiadas do mundo – o Estatuto da Criança e do Adolescente – corporificada pela Lei nº 8.069/1990, ela não previa qualquer punição específica para esse tipo de conduta, mas obrigava escolas, clubes e agremiações recreativas a assegurarem medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática. As medidas de conscientização não foram suficientes e, mais recentemente, uma nova legislação foi sancionada, a Lei nº 14.811/2024, que estabeleceu medidas concretas para prevenir e enfrentar o *bullying* e/ou *cyberbullying*, bem como a violência escolar, criminalizando agressores.

\*\*\*

São 19h35min do dia 17 de novembro de 2025. Estou sentada à frente do meu computador rabiscando possibilidades para escrever o prefácio da obra *A discussão do bullying no campo da Educação*, que me trouxe, no momento do convite, sentimentos contraditórios: ao mesmo tempo me senti invadida por uma alegria e por uma responsabilidade imensas, pois compreendo, em uma dimensão foucaultiana, que só existe o que é nomeado, mas foi com Foucault que também aprendi a escavar o passado para compreender o presente.

Não falei ainda, mas escrevo da Ilha de São Luís, sentada de frente para uma ampla janela de onde consigo sentir a brisa do mar. Um pássaro que me acompanha em meus estudos e, às vezes em meus sonhos, pousa em meu

imaginário, mas parece permanecer em minha janela e começa a conversar comigo. Agora sim o Prefácio tem título, antes as informações que escrevi podem ser encontradas em qualquer plataforma on-line. As legislações são de domínio público, mas minha conversa com Sankofa, essa não...

O diálogo começa... Sankofa sussurra um título...

## ***Bullying*, Sankofa e a busca da sabedoria no passado para construir o presente (e o futuro)**

Sankofa é um ideograma africano dos povos *Akan*, que significa literalmente “voltar e pegar”. Representado por um pássaro com a cabeça virada para trás, Sankofa nos ensina que é preciso olhar para o passado para viver em um mundo melhor. A força do símbolo foi incorporada, no Brasil, por movimentos negros de lutas que precisam ser travadas cotidianamente por causa das marcas do colonialismo deixadas entre nós. A essas profundas cicatrizes, teóricos como Anibal Quijano têm nomeado de colonialidade do poder e do saber e, posteriormente, também do ser, de acordo com Nelson Maldonado-Torres.

Sankofa me pergunta então se, no Brasil, quando resgatamos o nosso passado colonial, não seriam as estruturas históricas de exclusão, discriminação e violência (como o racismo, a misoginia, a homofobia) quem moldaram a sociedade, em uma perspectiva macroestrutural, o que chamamos de *bullying*, frequentemente manifestando a repetição dessas dinâmicas históricas de poder e marginalização em microescala (na sala de aula ou no ambiente escolar? Fico pensativa, mas respondo que sim e compreendo que ele nos convida a aprender com a história da nossa opressão e a olhar para o *bullying*, hoje, como um eco dos preconceitos estruturais “de ontem”, que ainda não superamos hoje.

Viro-me à Sankofa e pergunto: – O que resgatar do passado?

Ele imediatamente me responde: – Dignidade e identidade!

De fato, é essencial resgatar e fortalecer a autoestima e a identidade dos grupos historicamente marginalizados. Entendo, então, a potência da obra que prefacio. Nascido no Ensinar, da Universidade Estadual do Maranhão, que visa levar uma formação interdisciplinar e de qualidade para os diversos municípios do estado, ampliando o acesso à formação superior, em cursos de licenciatura,

com aulas ministradas apenas nos fins de semana, o Programa se constitui, principalmente, como uma política educacional, é a interiorização que permite a jovens - antes excluídos do processo educacional de nível superior, por serem do interior, ou por trabalharem durante a semana - uma (trans)formação cidadã, ética e profissional

Fico curiosa e continuo a perguntar: – Mas como trazer a força e a resiliência dos antepassados e a sabedoria de quem resistiu para o presente?

Sakofa me olha nos olhos e responde: – Leia novamente este livro, aprenda e replique!

Lentamente ele desaparece da minha janela e da minha imaginação, mas me deixa a clareza de que, os artigos que compõem essa coletânea, são corporificações de resistência cultural e de superação como antídotos contra a desumanização promovida pelo *bullying*. As autoras e os autores talvez, sem perceber, olharam para trás e agiram no presente, visando a um futuro inclusivo. No combate ao *bullying*, aprendamos com a sabedoria Sankofa para criar um ambiente escolar onde a exclusão e a violência não sejam toleradas. Vamos ler esta obra, aprender sobre ela e replicá-la...!

*Nilvanete Gomes de Lima*

Professora EBTT de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão *campus* Santa Inês

Doutora em Sociologia (UFMA) e Doutoranda em Ensino  
(RENOEN-UEMA)

## Sumário

1. Notas para uma arqueologia do <i>bullying</i> .....	11
2. Educar para a liberdade: enfrentando o <i>bullying</i> com base nos princípios de Paulo Freire.....	25
3. Conselho Tutelar e <i>bullying</i> escolar: relatos de uma atuação intersetorial no município de Arari, Maranhão.....	36
4. O professor de Ciências e sua prática frente ao <i>bullying</i> .....	45
5. Ensinar Ciências com consciência: a percepção de docentes sobre o combate ao <i>bullying</i> escolar.....	53
6. Estudantes como protagonistas: vozes do 6º ao 9º ano sobre saúde e <i>bullying</i> nas aulas de Ciências.....	64
7. Narrativas estudantis sobre <i>bullying</i> e saúde: reflexões para uma prática crítica e libertadora.....	72
8. Violência simbólica e resistência: uma análise crítica das percepções dos estudantes sobre o <i>bullying</i> .....	82
Sobre os Autores.....	90

## Notas para uma arqueologia do *bullying*

Jackson Ronie Sá-Silva

*Notas para uma arqueologia do bullying* alinha-se epistemicamente à perspectiva teórica foucaultiana, por uma via crítica pós-estruturalista. As notas que apresento nesta narrativa arqueológica buscam expor – em uma tentativa sempre contingente, complexa, subjetiva e situada – um olhar pós-crítico sobre o fenômeno sociocultural do *bullying*.

*Bullying*, tema complexo. Fenômeno sociocultural produzido, praticado e incentivado por nós, assim como, contraditoriamente, uma prática questionada, repudiada e combatida também por nós. Ressalto o “nós” com intencionalidade ética. A prática do *bullying* não está dissociada das ações humanas, da linguagem, dos ditos e dos não ditos. *Bullyings* são palavras, gestos, silêncios, materialidades físicas e virtuais direcionadas ao outro com finalidades odiosas das mais variadas. *Bullying*, tema desafiador, objeto psicossociocultural, que precisamos compreender melhor, aprofundando o entendimento com vistas a uma educação cidadã e plural.

O *bullying* traduz práticas socioculturais violentas, violadoras, invasivas, ameaçadoras, truculentas, estigmatizantes, preconceituosas, discriminatórias, fascistas, antiéticas e sabotadoras da existência humana. *Bullyings* são perversidades perpetradas para atingir o íntimo dos sujeitos, intervenções que fragilizam a vida do outro, projetos discursivos arquitetados para destruir o humano plural.

Vamos pensar sobre essa prática humana desumanizante? Ou melhor, vamos analisar alguns aspectos que foram (e são) culturalmente produzidos para chegarmos ao que chamamos hoje de *bullying*? Avancemos realizando uma arqueologia do termo *bullying*, utilizando as ferramentas da desnaturalização, da problematização e da contextualização? Que tal fazermos uma “escavação” arqueológica do termo e, assim, compreendermos o processo cultural de sua manifestação nas instituições sociais?

O uso do termo *arqueologia* se refere à discursividade metodológica foucaultiana, que interpreta as invenções dos seres humanos, desvinculadas da ideia de história única, fixidez dos fatos, essencialização dos fenômenos, naturalização dos acontecimentos e padronização das ações humanas. O pensamento arqueológico foucaultiano consegue perceber: as entrelinhas dos discursos estruturalistas; as incongruências e limites das linguagens; as fissuras, os fossos e incompletudes dos atos humanos considerados contingentes, intencionais e impregnados de saber-poder; as intencionalidades da invenção cultural e suas estratégias para manipular, influenciar e resistir; as performances dos ditos e não-ditos que comunicam, reprimem, sabotam, mas também enfrentam, resistem e tencionam; os momentos em que surgem os discursos e se transformam socialmente, produzindo efeitos dedutivos, metanarrativas totalizantes, chegando a configurarem monumentos e; as transformações e movimentos sociais que perpassam a história, produzindo impactos nas dinâmicas políticas, sociais, culturais, psicológicas e educacionais que envolvem um tema de interesse que, neste caso, é a produção cultural do *bullying*.

Como um adicional de minha intencionalidade teórica problematizadora arqueológica, escavo o termo, compreendendo os sentidos, as lógicas, os ritos, os discursos, as artimanhas das linguagens subjacentes, os pensamentos, a história social e as contradições que perpassam o objeto biopsicossociocultural inventado como *bullying*.

Alerto: não pretendo esgotar a discussão sobre o *bullying*, muito menos dizer “o certo e o errado”, como muitos esperam para compor um receituário estruturalista e salvacionista no campo educacional. Fugirei da Pedagogia normalizadora, dos psicologismos comportamentalistas e neurocientíficos e de teses cartesianas e matematizadas que apresentam estatísticas moralizantes e pânico social. Pretendo, no que for possível, articular ideias a partir das categorias *cultura*, *discurso*, *pluralidade*, *diversidade*, *alteridade*, *contextualização*, *problematização*, *desconstrução*, *educação pós-crítica* e *ética* para que possamos lidar – em uma perspectiva educacional hipercrítica – com os aspectos violentos, repressores, preconceituosos, estigmatizantes e antiéticos que a invenção humana *bullying* produziu e continua produzindo, agora na perspectiva de uma cultura eletro mecatrônica, virtualizada, instagramável e – mais recentemente – de mecanismos virtuais pós-modernos, denominados de inteligência artificial.

O que tem sido dito sobre o *bullying*? Vamos consultar dicionários? Gosto de escavá-los para arqueologizar seus escritos, pois são comunicados em poucas linhas a partir da tática de expor palavras e frases curtas, objetivando a diretividade, a padronização e a universalização do tema/conceito.

Os dicionários são objetos de análise interessante para as arqueologias da linguagem, pois expressam o tema a partir da lógica da cultura universal materializada em verbetes. Os dicionaristas tentam objetivar os termos, aglutinar pensamentos, homogeneizar significados. Trata-se da tática dedutiva, caracterizada como uma metódica universalizante que, do ponto de vista do currículo e da didática, produz impactos sociais, políticos, psicológicos, culturais e, sobretudo, educacionais. Aprender sobre um termo, lendo em um dicionário, evoca efeitos de saber-poder espectrais, que foram, de certa forma, autorizados pela oficialidade científico-educacional. Portanto, vamos atentar para alguns discursos dicionarizados sobre o conceito de *bullying*?

O *Dicionário Online de Português* fornece um panorama detalhado do termo *bullying* ao explicitar os seguintes itens: definição, classe gramatical, separação silábica, plural, significado, expressão derivada e sinônimo. Vejamos:

Definição de *Bullying*. Classe gramatical: substantivo masculino. Separação silábica: bul-liyng. Plural: *bullyings*. A palavra *bullying* deriva do inglês “*bullying*”, e tem o mesmo sentido. Substantivo masculino. Etimologia (origem da palavra *bullying*). Significado de *Bullying*. Agressão violenta, verbal ou física, feita com a intenção de intimidar, ameaçar, tyrannizar, oprimir, humilhar ou maltratar alguém, sendo essa pessoa alvo constante e persistente dessa agressão. Expressão *Cyberbullying*. Violência feita através da internet que, repetitiva e persistente, busca intimidar, humilhar ou maltratar alguém. Sinônimos de *Bullying*. *Bullying* é sinônimo de: ameaça, opressão, tyrannia, humilhação, intimidação, repressão, abuso, violência, exclusão, discriminação, preconceito (Dicionário Online de Língua Portuguesa, 2025, p.1).

A plataforma *Priberam Dicionário* descreve os seguintes itens para explicar a palavra *bullying*: classe gramatical, origem, plural e significado. Eis o detalhamento do dicionário:

Substantivo masculino. Origem: palavra inglesa. Plural: *bullyings*. Conjunto de maus-tratos, ameaças, coações ou outros atos de intimidação física ou psicológica exercidos de forma continuada sobre uma pessoa considerada fraca ou vulnerável (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2025, p.1).

O *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* apresenta o termo *bullying* da seguinte forma:

Etimologia: inglesa. Significado: ato agressivo sistemático, envolvendo ameaça, intimidação ou coação, praticado contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Ocorre geralmente em escolas, porém pode ser praticado em qualquer outro local. Trata-se de ação verbal que pode, em situações extremas, evoluir para agressão física (Michaelis Dicionário da Língua Portuguesa, 2025, p.1).

De acordo com o *Merriam Webster Dictionary* o termo *bullying* expressa a ideia de *valentão*. O referido dicionário faz um importante detalhamento da palavra *Valentão* ao expressar o significado do conceito, sua história e associação ao *bullying*.

*Bully*. Substantivo: Valentão. Plural: Valentões. Sinônimo de valentões: 1. Uma pessoa arrogante e intimidadora, especialmente alguém que é habitualmente cruel, insultuoso ou ameaçador com outros que são mais fracos, menores ou de alguma forma vulneráveis; 2. Cafetão. Verbo: Tratar alguém de forma cruel, insultuosa, ameaçadora ou agressiva; Agir como um valentão; Obrigar alguém a fazer algo por meio de força ou coerção; Usar linguagem ou comportamento cruel, insultuoso, ameaçador ou agressivo. História do significado: o significado original da palavra inglesa “*bully*” era “querido(a)”. Provavelmente, a palavra foi emprestada do holandês “*boel*”, que significa “amante”. Mais tarde, “*bully*” passou a ser usado para qualquer pessoa que parecesse uma boa pessoa, e depois para um fanfarrão ousado. Hoje em dia, um *valentão* geralmente é alguém cuja alegação de força e coragem se baseia na intimidação de quem é mais fraco. Sinônimos de valentão: abusador, assediador, bandido, inimigo, intimidador. Verbo: abusar, maltratar. Outros: intimidar, acuar, atropelar, intimidar,

coagir significam amedrontar para obter submissão; Intimidar implica induzir medo ou um sentimento de inferioridade em outra pessoa; “*Bulldoze*” implica intimidar ou superar a resistência, geralmente por meio de insistência, exigências ou ameaças; O termo “*bullying*” implica intimidação por meio de ameaças, insultos ou comportamento agressivo (Merriam Webster Dictionary, 2025, p.1).

Chamam a atenção os verbos utilizados pelos dicionaristas para exprimir o *bullying* e seus efeitos no praticante e naquele que sofre a prática: agredir, intimidar, ameaçar, tyrannizar, oprimir, humilhar, maltratar, abusar, coagir, insultar e acuar. Os significados do termo *bullying* demarcam gestos que constroem violências. Resumo das mensagens dicionarizadas: os gestos de um sujeito tirano sobre outro indefeso ou de vários sujeitos que praticam tyrannias contra alguém coagido caracterizam o *bullying*.

Os quatro dicionários virtuais pesquisados evidenciam que o termo *bullying* é sinônimo de violência. *Bullying* simboliza violência, materializa violência. As informações contidas situam a violência como categoria central no que nomeamos como *bullying*.

Violência? Melhor pluralizar: violências! São muitas as violências traduzidas como atos de *bullying*: violência física, violência verbal, violência simbólica, violência psicológica, violência digital ou violência virtual ou violência cibernética (*CyberBullying*)... Os conceitos apresentados pelos dicionários tentam explicar o *bullying* como monumento discursivo das violências praticadas por um sujeito que viola o outro a partir de práticas qualificadas como tyrannas, ameaçadoras, intimidadoras, agressivas, insultantes, coercitivas, acuadoras, inferiorizantes, amedrontadoras, abusivas, assediadoras, humilhantes, opressoras, repressivas, excludentes, discriminatórias, preconceituosas e estigmatizantes.

Quem pratica atos tyrannos, intimidadores, abusivos, assediadores e insultantes? Quem executa ações coercitivas, agressivas, ameaçadoras e repressivas? Quem direciona atitudes discriminatórias, preconceituosas, estigmatizantes e opressoras? A humanidade. A sociedade. A cultura. As instituições sociais: Estado, Família, Religião, Medicina, Escola, Internet etc. Numa palavra: nós. Nós? Sim, nós!

Aproveito para reforçar a explicação arqueológica sobre o sentido sociocultural que imprimo nesta análise em que problematizo a categoria “nós”. Uso o termo “nós” objetivando o exercício pós-crítico, que convoca a categoria sociocultural *contradição* para expressar o sentido humano das práticas sociais que podem ser éticas ou antiéticas. Nossos pensamentos, nossas ações, nossos ensinamentos, nossas aprendizagens e nossas práticas discursivas de estar no mundo constroem formas de ser e de agir consigo e com os outros.

Compreendo que no caso das violências qualificadas como *bullying* é importante reconhecer que a humanidade produz as substâncias discursivas que tornam viáveis as práticas agressivas (físicas e verbais), os assédios (morais, sexuais), as ameaças (de um sujeito para outro; coletivas; institucionais; cibernéticas etc.), as coerções, as humilhações, as opressões e tantas outras táticas violadoras exercidas pelo “valentão” ou pelo grupo de “valentões” direcionadas ao sujeito intimidado. Práticas que podem ser micro ou macro violentas, dependendo de quem as pratica, do que faz, de quando acontecem, de como agem, de onde se desenvolvem... Ações violadoras ocorridas nos microcosmos da díade opressor-oprimido ou, em escala espectral mundial, como as violências cibernéticas das redes sociais, por exemplo.

Agora, irei aprofundar a temática, tentando problematizar um pouco mais sobre a responsabilidade do “nós” na construção sociocultural do *bullying*... Vou escavar ainda mais as profundezas do que estou chamando de “violências-*bullying*” ... Agirei desenterrando alguns vestígios históricos e socioculturais complexos e contraditórios sobre “os valentões” ... Farei outras arqueologias do objeto *bullying*. Afirmo que nossas práticas socioculturais são situadas e direcionam os discursos sobre as violências que implicam “intimidação por meio de ameaças, insultos ou comportamento agressivo” (Merriam Webster Dictionary, 2025, p.1).

Aquilo que qualificamos de violência se configura como construções discursivas que produzem práticas sociais pelas quais estamos enredados numa perspectiva macroestrutural, mas também em escala microestrutural, a partir das interações entre os sujeitos nas diferentes instituições sociais –família, escola, religião, lazer, interpersoalidades socioculturais do “eu” com o outro etc., ou seja, produções discursivas a partir das microfísicas do poder, como denomina Foucault (2025).

O que são as violências-*bullying*? Alguns diriam que elas nascem do “eu-natural”. A fisiologia e a psicologia do instinto estariam na base de sua constituição. Aqui temos um acordo entre os campos da Biologia, da Medicina, da Psicologia Comportamental e da Psicopatologia tentando racionalizar as “bases biológicas da violência” (Marzano, 2012, p.1008).

Psiquiatras, neurologistas e biólogos há muito se debruçam sobre os substratos orgânicos da violência no homem e no animal. Os estudos sobre o animal são inúmeros, e foram importantes os resultados conseguidos pelos etnólogos e neurobiologistas. Chegou-se, por exemplo, ao conhecimento de que algumas estruturas neurológicas estão implicadas nos comportamentos de agressão particularmente no nível do diencéfalo e do sistema límbico, e parecem mostrar que, existindo uma base instintual da violência, mesmo no animal existem também fortes variações interindividuais, explicadas em grande parte pela história de cada animal e pelas condições ambientais de seu desenvolvimento. [...] Vários distúrbios de comportamento podem ser decifrados e ordenados em função dos níveis de desorganização da estrutura hierarquizada dos órgãos e das funções do sistema nervoso, os quais estão interligados. [...] Todos esses trabalhos defendem um substrato biológico dos comportamentos agressivos. Não se trata aqui de contestar a validade dessas teorias, mas sim de *submetê-las à prova das formas comuns e extraordinárias da violência humana e, na medida do possível, identificar condutas violentas sem lesão orgânica, nem mesmo funcional, do sistema nervoso central* (Marzano, p.1008, 2012, grifos meus).

As ciências biomédicas e psicológicas afeitas ao modelo anátomo-fisiológico de explicação dos fenômenos do corpo (humano e animal) são legítimas e tratam seus objetos com método e rigor científicos, a partir de concepções experimentais validadas pela empiria laboratorial com chancela da estatística. Não contesto, valorizo e respeito. Mas, as violências não podem ser reduzidas às dinâmicas homeostática e fisiopatológica dos corpos. Tais teses têm limites e precisamos “submetê-las à prova das formas comuns e extraordinárias da violência humana” (Marzano, 2012, p.1008), assim como “identificar condutas violentas sem lesão orgânica, nem mesmo funcional, do sistema nervoso central” (Marzano, 2012, p.1008).

Problematizo as visões estritamente biologicistas das explicações sobre a gênese das violências. Elas são mais que citologia, histologia, anatomia, bioquímica e fisiologia com desfechos sinápticos no aparelho neural-endocrinológico que culminam em agressões e violências.

As violências físicas e psicológicas perpetradas ao outro não podem ser categorizadas como naturalizações que estão ligadas à ideia exclusiva de agressividade biológica, tese propagada na segunda metade do século XIX e durante todo o século XX, que tinha como pano de fundo a antropologia biológica estrutural e funcional, os argumentos científicos do nascente campo da Genética, da Endocrinologia em ascensão e da Medicina Legal normalizadora.

A Biologia, por mais que tente, não explica a violência como comportamento humano. A teoria do DNA é importante, mas limitante quando pensamos em subjetividades, intencionalidades e escolhas humanas. O discurso biológico é produtivo e ajuda a pensar a complexidade do conceito de violência. No entanto, não podemos consumir e defender que o *bullying* tem raízes constitucionais fincadas na biologia dos sujeitos, tese questionável e que limita a discursividade sociocultural problematizadora. A biologia pode ser um elemento, uma parte da discursividade, mas não a totalidade e a exclusividade.

No início do século XX, a Psicologia Comportamentalista nutrida pela teoria behaviorista se junta ao pensamento determinista biológico para tentar explicar a violência, porém não consegue, pois, o tema é mais complexo. Cérebro, comandos neurais, sinapses e hormônios, estímulos ambientais etc. são discursividades apontadas para produzir deduções sobre as causas das violências. Insisto na tese: Biologia e Psicologia são partes, mas não o todo. Precisamos adicionar no caldeirão multicultural das vidas humanas as dimensões discursivas sociais, culturais, políticas e educacionais para pensarmos a produção das violências.

Nos séculos XIX e XX, a eugenia e o higienismo como formas de pensamento biomédico-psicologizante, autorizados pela Ciência Positivista, tentaram controlar os desejos, a sexualidade e os comportamentos humanos em geral, tal como a violência. Dados estatísticos sobre o corpo foram produzidos para torná-lo padrão e, assim, escrutinizá-lo; modelos clínicos universalizantes visando à normalidade físico-psicológica foram inventados e consumidos; tratamentos medicamentosos e terapias psicológicas para as chamadas “perversões da alma” foram autorizadas pela Medicina e Psiquiatria, dentre

outras ciências morfofuncionais. Enfim, práticas da cultura científica biomédica, oficializadas pelo Estado, tendo como pano de fundo as lógicas eugênicas e higienistas, insistiram em categorizar os corpos para torná-los mensuráveis e previsíveis.

Que conexões podemos fazer dessas escavações socioculturais com o conceito de *bullying*? As violências geradas pela eugenia e pelo higienismo criaram e impulsionaram novas discursividades como o fascismo e o nazismo, que são sistemas opressivos e altamente violadores da existência dos sujeitos. Fizeram mais, atualizaram violências historicamente constituídas, datadas da Idade Média ou mesmo de tempos anteriores. Na verdade, as violências vão ganhando contornos e adaptações na história cultural humana.

Que discursos foram atualizados para intensificar as violações, as agressividades, as opressões, as intimidações, as tiranias e as humilhações e que hoje se amalgamam em ações que nomeamos de *bullying*? Vamos cavar um pouco mais a história cultural das violências? Eis algumas práticas discursivas que não são recentes: escravismo, machismo, patriarcado... E temos mais reconfigurações socioculturais das violências advindas dos acordos entre escravidão, patriarcado e cultura machista: racismo, sexismo, misoginia, homofobia e suas variações, LGBTQIAPN+, xenofobia, aporofobia, gordofobia etc.

Os discursos violadores ganham novas perspectivas e se metamorfoseiam quando interagem com a eugenia, o fascismo, o nazismo, o patriarcado, o machismo, o classismo, a xenofobia, a misoginia, a homofobia e outras lógicas excludentes que tentam eliminar a pluralidade humana. Nesse sentido, a escavação realizada me permite dizer que as investidas das violências-*bullying* se estruturam a partir do amálgama dessas interações. São acordos socioculturais violentos, que canalizam para o contemporâneo as agruras de um passado estruturado em discursos preconceituosos, estigmatizantes e cerceadores do ser-estar no mundo.

Os aspectos culturais precisam ser pensados quando avaliamos o conceito de *bullying*. As violências foram (e são) produzidas a partir de lógicas socioculturais e políticas inventadas no decurso complexo, contraditório e amplo da história de homens e de mulheres.

O sujeito “valentão”, aquela “pessoa arrogante e intimidadora, especialmente alguém que é habitualmente cruel, insultuoso ou ameaçador

com outros que são mais fracos, menores ou de alguma forma vulneráveis” (Merriam Webster Dictionary, 2025, p.1), consumiu historicamente discursos de arrogância, adquiriu ensinamentos da cultura da soberba, da tirania, do extermínio do outro; aprendeu que ser forte e gritar com o outro é vantajoso e lhe dá poder; incorporou pensamentos familiares, comunitários, escolares e religiosos que influenciaram práticas excludentes, cerceadoras, preconceituosas, estigmatizantes, agressivas, punitivas, arrogantes, moralizantes, assediadoras, coercitivas, intimidadoras, ameaçadoras, humilhantes, repressivas ...

O valente, indivíduo “que vale, que tem força, que tem valor ou valentia; audaz, intrépido. [...] Corajoso, vigoroso, ativo, enérgico, rijo, resistente, válido, eficaz. [...] Homem esforçado” (Ferreira, 2019, p. 2043), construiu culturalmente os ensinamentos do machismo, do patriarcado, da aversão à fala das mulheres, do repúdio aos homens educados, delicados e afeminados. Sua valentia foi elaborada a partir de práticas que valorizam o discurso do homem inabalável, forte e não sentimental. Assim, “um valentão geralmente é alguém cuja alegação de força e coragem se baseia na intimidação de quem é mais fraco” (Merriam Webster Dictionary, 2025, p.1). O monumento “valentão” configura-se como uma ode ao desrespeito, à prática da chacota e à ideia do “posso fazer tudo e não me acontece nada”.

O indivíduo que sofre o *bullying* passou por domesticações sociais repressivas; incorporou falas ameaçadoras como verdades inabaláveis; foi direcionado psicossocioculturalmente para ser quieto, não reagir, calar, sofrer e chorar; aprendeu nas diferentes instituições sociais que seu corpo causa vergonha, tem defeitos; que é de uma cor não privilegiada; tem maneirismo e silhueta que não se enquadram no padrão estético estabelecido; projetou através da comunicação social (mídias variadas, internet, virtualidade etc.) que um sujeito de sucesso é aquele de beleza branca, heterossexual, rico e que se formou em profissões de destaque social etc. Cria-se a lógica que violenta, maltrata e exclui: as violências-*bullying*.

A cultura do valentão tem sido ensinada desde os primórdios da humanidade, capilarizando-se ininterruptamente. Dissemina-se na família, alcança as arestas do Estado e se ambienta produtivamente em espaços coletivos de aprendizagem sistemática: “ocorre geralmente em escolas, porém pode ser praticada em qualquer outro local” (Michaelis Dicionário da Língua Portuguesa, 2025, p.1).

No ambiente escolar, pululam violências-*bullying*. Ocorrem com frequência e regularidade. A escola transpira *bullying*. Poderíamos falar que existe uma escola-monumento-*bullying*? O Aurélio Júnior: *dicionário escolar da língua portuguesa* (2011, p.158) nos fornece pistas para ampliar esse questionamento: “*Bullying*. Agressão física ou verbal, feita, *especialmente em escolas*, por indivíduo a outro mais tímido, mais novo, mais fraco etc.” (grifos meus).

As violências-*bullying* fazem pensar sobre a colonização e a cristalização das lógicas machista, patriarcal, xenofóbica, misógina, homofóbica, racista e classista na escola e, quão importantes são as ações pessoais e coletivas para o combate e a prevenção dessas violências.

O *bullying* vem sendo minuciosamente discutido e estudado no campo da Educação. O “fenômeno começou a ser estudado na Suécia, na década de 1970” (Oliveira-Menegotto, Pasini e Levandowski, 2013, p. 204). Ludimila de Souza Santos Borges (2009) nos fornece uma síntese sobre os impactos do *bullying* a partir dos anos 1970. Seu relato ajuda a compreender a relevância do tema e suas implicações educacionais preventivas:

Os primeiros estudos sobre *bullying* iniciaram em 1970 na Suécia e Dinamarca, em 1978 ganha força com o professor Norueguês Dan Olweus, na Universidade de Bergen-Noruega, que investigava sobre tendências suicidas entre adolescentes, agressores e possíveis vítimas. Muito embora essa pesquisa não interessasse às instituições locais, Olweus descobriu que a maioria dos jovens sofria de algum tipo de ameaça e que por isso caracterizava-se um motivo eminente a ser combatido (Borges, 2009, p. 90).

A década de 1970 demarca as preocupações sociais e científicas sobre o *bullying*. As lógicas das vidas adolescentes são observadas, investigadas e divulgadas em diversificadas instituições sociais com destaque para escolas, clínicas médicas e psicológicas. Suicídio, depressão, ansiedade, fobias de diferentes tipologias, dentre outros agravos psicológicos são objetos de interesse do campo biomédico e também educacional. Agressores e vítimas são objetos de estudos científicos, numa tentativa de compreensão pormenorizada do fenômeno que agora chamamos de *bullying*. De acordo com o relato de Núbia Célia Carneiro, Angélica Vier Munhoz e Gisele Dhein (2024), a preocupação escolar com o tema se deu pela sua amplitude, gravidade e complexidade sociocultural.

O *bullying*, forma de intimidação presente em todo o mundo, é tão antigo quanto a própria escola. Embora os educadores já estivessem cientes do problema, houve poucos investimentos para o desenvolvimento de uma pesquisa sistemática até o início dos anos 1970. Foi nessa época que, pela primeira vez, surgiu na sociedade sueca um grande interesse pelos problemas evidenciados na relação entre agressor e vítima, dada a extensão desse fenômeno que se alastrou por todos os outros países escandinavos. A partir desse momento, o *bullying* no ambiente escolar tornou-se motivo de grande preocupação (Carneiro; Munhoz; Dhein, 2024, p. 3).

Ameaças, abusos, coerções, extorsões e brigas passaram a ser objeto de análise nas escolas em escala mundial. Os anos 1970 inauguraram a cultura do combate aos abusos perpetrados por estudantes em instituições escolares. Inicia-se a cultura de falar, divulgar, combater e prevenir o *bullying*.

Falar sobre o *bullying* e seus prejuízos psicossociais e emocionais, divulgar informações detalhando sua complexidade, combater práticas violentas por meio de estratégias que envolvam políticas públicas de saúde e educação, e prevenir as violências advindas desse ato antissocial, antidemocrático e antiético requer compreendermos as conexões socioculturais e históricas que foram alinhavadas para que esse ato se tornasse o que é hoje.

As arqueologias de inspiração foucaultiana que realizei nessas breves notas tentando compreender as constituições histórico-socioculturais do que chamei de violências-*bullying*, a partir de operações teórico-metodológicas nominadas de escavações das práticas culturais de si e do outro e das ações das instituições sociais com o outro, fez perceber que o *bullying* como “abuso de poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação, prepotência, por um lado, e submissão, humilhação, conformismo e sentimento de impotência, raiva e medo, por outro” (Ristum, 2010, p. 96), tornou-se o que é hoje (prática violenta que maltrata, exclui, estigmatiza e humilha sendo potencializada exponencialmente pela tecnologia e mecatrônica das redes sociais), a partir de complexos amálgamas socioculturais que envolvem práticas antiéticas, antidemocráticas, preconceituosas, estigmatizantes e coercitivas retroalimentadas por discursos do patriarcado, de visões de mundo mediadas pelo machismo, de intenções sexistas, de operações homofóbicas, de atitudes

misóginas, classistas, nazistas, fascistas... A prevenção e combate às violências-*bullying* requer pensar sobre esses determinantes. Sigamos pensando e agindo...

## Referências

BORGES, Ludimila de Souza Santos. Análise teórica sobre a evolução histórica do fenômeno *bullying*. **Intercursos**, Ituiutaba, MG, v.8, n.2, jul./dez., 2009. Disponível em: <https://revista.uemg.br/intercursosrevistacientifica/article/view/2310/1263>. Acesso em: 15 nov. 2025.

BULLYING. *In*: DICIONÁRIO Michaelis da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=Vxme>. Acesso em: 15 nov. 2025.

BULLYING. *In*: DICIONÁRIO online de Língua Portuguesa, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bullying/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

BULLYING. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa, 2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/bullying>. Acesso em: 15 nov. 2025.

BULLYING. *In*: MERRIAM Webster Dictionary, 2025. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/bully>. Acesso em: 15 nov. 2025.

CARNEIRO, Núbia Célia; MUNHOZ, Angélica Vier; DHEIN, Gisele. Breve histórico do bullying: um olhar para o Nordeste brasileiro. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 17, n. 13, p. e14038, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.13-458. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/14038>. Acesso em: 2 dez. 2025.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

MARZANO, Michela. **Dicionário do corpo**. São Paulo: Loyola, 2012.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. O *bullying* escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v.15, n. 2, p. 203-215, ago. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_)

arttext&pid=S1516-36872013000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 dez. 2025.

RISTUM, Marilena. *Bullying* escolar. In: ASSIS, Simone Gonçalves de.; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes (Orgs.). **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Brasília: Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2025.

## **Educar para a liberdade: enfrentando o *bullying* com base nos princípios de Paulo Freire**

Vitória Raquel Pereira de Souza

### **Como os diferentes atores escolares se posicionam frente ao *bullying***

A compreensão do fenômeno do *bullying* identificado na rede de ensino pública no ensino fundamental – anos finais – no município de Arari, Maranhão, revela um verdadeiro mosaico de olhares, experiências e responsabilidades compartilhadas. Professores, estudantes e o Conselho Tutelar formam uma rede de percepções que, embora diversas, convergem para um ponto em comum: a urgência de transformar a escola em um espaço de acolhimento, escuta e diálogo.

Para aprofundar essa discussão, é necessário compreender o conceito de *bullying* e seu contexto histórico no Brasil. O *bullying*, segundo Oliveira-Menegotto, Pasini e Levandowski (2013, p. 204), é “um fenômeno que sugere atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra uma ou mais vítimas”. No Brasil, o debate sobre o tema ganhou visibilidade a partir de 2005, mobilizando diferentes áreas do conhecimento preocupadas com as consequências desse tipo de violência no ambiente escolar. Essa crescente atenção levou à criação de marcos legais que visam à prevenção e ao enfrentamento do problema.

A Lei nº 13.185/2015 instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática e reconheceu o *bullying* como uma forma de violência que exige ações educativas e preventivas por parte das instituições escolares. Mais recentemente, a Lei nº 14.811/2024 reforçou esse compromisso, ao estabelecer medidas concretas para prevenir e enfrentar o *bullying* e a violência escolar, incluindo a responsabilização de agressores.

Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) já previa a proteção integral de crianças e adolescentes, o que implica o dever do Estado, da família e da sociedade de garantir um ambiente

escolar seguro, acolhedor e livre de violências. Assim, compreende-se que a atuação (ou omissão) de cada agente da comunidade escolar pode contribuir para o enfrentamento ou perpetuação do *bullying*, tornando imprescindível a articulação entre conhecimento, prática pedagógica e legislação.

Nesse cenário, o Conselho Tutelar emerge como um elo fundamental da rede de proteção à infância e à adolescência. Seus registros não apenas evidenciam a gravidade de muitos casos de *bullying*, mas também apontam para a frequente omissão institucional por parte de algumas escolas, que deixam de tratar tais situações com a sensibilidade e a responsabilidade exigidas. A escuta ativa e comprometida do Conselho se apresenta, portanto, como um contraponto ao silêncio pedagógico, aquele que ignora ou minimiza o sofrimento dos estudantes.

Como afirma Freire (1987), “a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem”. Enfrentar o *bullying*, nesse sentido, exige uma coragem coletiva, sustentada pelo diálogo e pela cooperação entre os setores da Educação, da Saúde e da Assistência Social. Somente por meio dessa articulação intersetorial será possível construir uma escola verdadeiramente inclusiva e segura para todos.

Nas vozes docentes recolhidas durante a pesquisa, percebe-se a presença de profissionais comprometidos com seus alunos, mas muitas vezes sobrecarregados e desamparados por falta de formação continuada e políticas institucionais consistentes. Ainda assim, muitos buscam, por meio de rodas de conversa, feiras de saúde e aulas temáticas, criar espaços de escuta e empatia. Tais práticas expressam o que Freire (1994) denominou de “educação como prática da liberdade”, em que o educador aprende enquanto educa, construindo saberes com o educando.

Os estudantes, por sua vez, aparecem como sujeitos de resistência e de consciência crítica. Em suas falas, o *bullying* deixa de ser um conceito e ganha rostos, dores e esperanças. Eles reconhecem a violência, denunciam as omissões e sugerem caminhos: palestras, campanhas, psicólogos nas escolas e aulas que abordem saúde mental e respeito. Essa escuta ativa revela que o enfrentamento do *bullying* não pode ser imposto “de cima”, mas deve nascer da partilha e da corresponsabilidade entre todos os atores escolares (Souza et al, 2025).

Em síntese, professores e alunos demonstram vontade de mudança, enquanto o Conselho Tutelar evidencia a necessidade de um trabalho

intersetorial contínuo. A escola, nesse processo, precisa deixar de ser espaço de silenciamento e assumir seu papel de mediação, diálogo e transformação social.

## **Que elementos do pensamento freiriano foram identificados nas práticas pedagógicas?**

Durante a pesquisa, percebemos, a partir dos relatos sensíveis de professores e professoras, que o pensamento de Freire (1967, 1996) não está distante da realidade escolar, pelo contrário, ele pulsa no cotidiano das práticas pedagógicas, muitas vezes de forma intuitiva e visceral. Elementos como o diálogo, a escuta atenta, a amorosidade e a esperança não aparecem como conceitos abstratos, mas como pilares concretos que sustentam uma educação comprometida com a dignidade e a transformação humana.

O diálogo, eixo estruturante da pedagogia freireana, ganha forma nas vivências compartilhadas nas escolas investigadas. As rodas de conversa sobre *bullying* e saúde, por exemplo, transformaram-se em espaços vivos de trocas, onde alunos e professores puderam nomear dores, refletir sobre suas experiências e construir sentidos coletivos.

Nesse processo, rompe-se o silêncio que muitas vezes aprisiona, e emerge a palavra que liberta. Como afirma Freire (1967), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão”. Essa comunhão, presente nos gestos cotidianos e nos projetos colaborativos, sinaliza caminhos possíveis para a superação das opressões que marcam a vida escolar.

A amorosidade, outro princípio freiriano fundamental, também se expressa com força nas posturas docentes observadas. Longe de um sentimentalismo vazio, amar, para Freire (1996), é um ato político e ético: é reconhecer o outro em sua inteireza e respeitar sua trajetória. Quando um professor acolhe, escuta e protege, ele está, na prática, recusando a lógica da exclusão e afirmando que cada estudante importa. Essa escolha, embora cotidiana, carrega em si uma dimensão profundamente revolucionária.

A esperança, por sua vez, atravessa as práticas pedagógicas não como espera passiva, mas como movimento ativo de reinvenção. Freire (1992) insiste que a esperança é uma necessidade ontológica, não uma ingenuidade, mas um compromisso radical com a possibilidade. Professores que acreditam

na transformação da escola, mesmo em contextos marcados por precariedade, estão, de forma consciente ou não, praticando esse “verbo esperar” que mobiliza e alimenta a luta. O enfrentamento do *bullying*, por exemplo, torna-se um gesto esperançoso porque aposta em relações mais humanas, em espaços de convivência mais justos e em vozes que antes eram silenciadas.

Também se destaca a valorização do saber da experiência, outro ponto caro à pedagogia freireana. Nas escolas estudadas, os professores reconhecem o conhecimento que os alunos trazem de seus territórios, de suas vivências, e os incorporam ao processo de ensino-aprendizagem. Ao fazer isso, rompem com a lógica bancária da educação e constroem uma pedagogia que parte do chão da vida. Essa escuta ativa do mundo vivido revela o compromisso com uma educação que dialoga com a realidade e não se impõe sobre ela.

Além disso, as práticas pedagógicas observadas revelam uma intencionalidade ética: há uma constante busca por relações mais horizontais entre docentes e discentes. Ainda que nem sempre de forma estruturada ou teorizada, os professores demonstram sensibilidade para criar ambientes em que o estudante é sujeito, e não apenas receptor. Essa postura remete à ideia freiriana de que ensinar exige respeito à autonomia e à dignidade do educando, uma exigência profundamente atual em tempos de desumanização crescente.

Outro aspecto que chama atenção é o compromisso com a construção coletiva do conhecimento. Em várias experiências relatadas, os projetos pedagógicos foram elaborados com ampla participação dos estudantes, fortalecendo o protagonismo juvenil e dando sentido às aprendizagens. Essa prática dialoga diretamente com a proposta freiriana de educação como prática da liberdade, na qual ensinar e aprender são movimentos recíprocos e interdependentes.

É possível afirmar que as marcas do pensamento de Paulo Freire não estão apenas nos discursos, mas nas escolhas diárias de professores que, mesmo sem sempre nomear a pedagogia que praticam, vivem-na com coerência e coragem. Ao apostarem no diálogo, no cuidado, na escuta e na esperança, esses educadores tornam-se sementes de uma escola mais humana, democrática e comprometida com a emancipação de seus sujeitos.

## Quais articulações entre currículo, saúde e cidadania podem ser fortalecidas?

A integração entre currículo, saúde e cidadania desponta como eixo estratégico para uma educação emancipadora. Os relatos dos professores mostram que o ensino de Ciências pode ser espaço privilegiado para essa articulação. Ao abordar o corpo humano, a nutrição, as emoções ou o sistema nervoso, os docentes podem promover reflexões sobre respeito, autocuidado e convivência, transformando o currículo em um instrumento de humanização.

O Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA, 2019) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforçam a necessidade de um currículo interdisciplinar e significativo, que conecte os saberes escolares às realidades locais. No entanto, a pesquisa demonstra que ainda há distância entre o que está prescrito e o que é vivido nas escolas. É preciso que a formação docente contemple também temas como saúde mental, diversidade e mediação de conflitos.

A BNCC (2017, p. 327) reforça que o ensino de Ciências deve promover “uma convivência em maior sintonia com o ambiente, por meio do uso inteligente e responsável dos recursos naturais”, articulando saúde, autocuidado e cidadania. Além disso, orienta que os estudantes desenvolvam “posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro” (Brasil, 2017, p. 343). Essa diretriz dialoga diretamente com a prática freireana do cuidado e com o enfrentamento ético do *bullying*.

Nessa direção, o ensino de Ciências assume papel político e ético. Freire (1987) nos lembra que “o currículo não é neutro”: ou contribui para a libertação ou reforça a opressão. Um currículo freiriano, portanto, deve incorporar a discussão sobre o *bullying* como tema gerador, partindo das experiências reais dos estudantes para construir conhecimento científico e social. Assim, o estudo da biologia, da psicologia e das relações humanas deixa de ser mera abstração para se tornar instrumento de transformação da realidade.

Fortalecer a articulação entre currículo, saúde e cidadania implica compreender que o cuidado com o corpo e a mente é também exercício de liberdade. Uma escola que cuida é uma escola que liberta.

## Que aprendizados este processo de pesquisa proporcionou à autora?

Como autora e coordenadora deste processo coletivo, aprendi que educar é, antes de tudo, escutar. A escuta do outro, estudante, professor, conselheiro tutelar exige humildade epistemológica, ou seja, reconhecer que todo saber é inacabado. Essa foi, sem dúvida, a lição mais profunda deixada e confirmada nas vozes que emergiram da pesquisa.

Aprendi que o *bullying* não é apenas um problema disciplinar, mas um sintoma de desigualdades históricas, afetivas e culturais. Ao observar como o silêncio se instala nas escolas, percebi que muitas violências se perpetuam justamente pela ausência de diálogo. O enfrentamento desse fenômeno requer, portanto, uma pedagogia da presença: estar com os alunos, escutá-los e aprender com suas narrativas.

Conforme Trevisol e Campos (2016, p. 277), muitos professores “afirmaram já ter ouvido falar sobre o *bullying*, mas revelaram dificuldades em agir frente a tais situações”. Os autores observam que “a falta de conhecimentos a respeito do problema tem repercussões nos modos dos professores planejarem e realizarem suas intervenções pedagógicas”. Essa constatação reforça o aprendizado vivido durante esta pesquisa: compreender o *bullying* exige também compreender os limites formativos e emocionais de quem ensina.

Compreendi também que o professor de Ciências tem um papel essencial na construção de uma cultura de respeito, pois sua disciplina oferece pontes entre corpo, saúde e sociedade. Ensinar Ciências é ensinar a cuidar da vida, e cuidar da vida é um ato político de resistência. Essa percepção ressignificou minha identidade docente e ampliou meu compromisso com uma educação que une conhecimento e sensibilidade.

No entanto, essa atuação não ocorre de forma isolada. O professor não é uma ilha. Pelo contrário, ele faz parte de uma rede viva e pulsante, que exige diálogo constante com outras áreas do saber e com diferentes profissionais da escola e da comunidade. Ao abordar temas como *bullying*, saúde mental, sexualidade ou alimentação, por exemplo, o ensino de Ciências precisa articular-se com saberes da Psicologia, da Educação Física, da Filosofia, da Sociologia, da Assistência Social, entre outros. O enfrentamento dessas questões não se resolve com respostas prontas, mas com ações construídas em conjunto, de maneira interdisciplinar e multiprofissional.

Essa atuação articulada revela a natureza imaterial do trabalho docente. Trata-se de um trabalho que envolve afeto, escuta, mediação de conflitos, construção de vínculos e produção de sentidos. Um trabalho que não se limita à transmissão de conteúdos, mas que se compromete com a formação integral dos sujeitos. E, nesse processo, a presença do professor ganha uma dimensão ética, política e estética: ética, porque exige responsabilidade e compromisso com o bem-comum; política, porque toma posição diante das desigualdades e das violências simbólicas e materiais; e estética, porque lida com o sensível, com o cuidado e com a beleza das relações humanas que se constroem na sala de aula.

Ser professor de Ciências, nesse contexto, é mais do que ensinar conceitos biológicos ou físicos. É promover o pensamento crítico, despertar a curiosidade e favorecer o diálogo entre saberes diversos. É abrir espaço para que o estudante compreenda a si mesmo e ao mundo em sua complexidade. E isso só é possível quando se reconhece que a educação é uma tarefa coletiva, compartilhada entre diferentes saberes, práticas e experiências. É nessa tessitura entre disciplinas e profissões que se torna possível construir uma escola que valorize a vida em todas as suas dimensões, biológica, social, emocional, cultural e espiritual.

Essa compreensão ampliada do papel docente fortalece não apenas a prática pedagógica, mas também a identidade do educador como sujeito histórico e transformador. Ao reconhecer-se parte de um projeto coletivo de formação humana, o professor deixa de ser mero executor de conteúdos e torna-se um agente de articulação e cuidado. Uma figura que, com os pés no chão da escola e o olhar voltado para a dignidade dos seus estudantes, contribui ativamente para a construção de uma educação que seja, ao mesmo tempo, científica, sensível e profundamente humana.

### **Quais propostas podem ser sistematizadas para qualificar a atuação do professor de Ciências no combate ao *bullying*?**

A partir das análises desenvolvidas ao longo das seções anteriores, ainda que sob diferentes olhares e enfoques teóricos, observa-se um movimento comum de reflexão e aprofundamento sobre uma mesma pesquisa e base de dados empíricos. Autores distintos, interpretando diferentes dimensões dessa

realidade investigada, contribuíram para construir uma leitura crítica, dialógica e comprometida com a transformação da prática docente.

Desse processo coletivo e articulado emergem propostas que dialogam entre si e se mostram coerentes com os princípios freirianos, especialmente no que se refere à valorização da escuta, ao compromisso com a dignidade dos sujeitos e à construção de uma cultura escolar pautada no respeito mútuo. A seguir, são sistematizadas algumas dessas propostas com o objetivo de qualificar a atuação do professor de Ciências no enfrentamento do *bullying*, reafirmando a educação como prática da liberdade.

- a. **Formação continuada freiriana** – ofertar cursos e oficinas que abordem o *bullying* sob a ótica da ética, da empatia e da cidadania, valorizando o diálogo entre teoria e prática;
- b. **Currículo vivo e interdisciplinar** – inserir o *bullying* e a saúde mental como temas geradores nas aulas de Ciências, articulando-os a conteúdos de corpo humano, ecologia e genética;
- c. **Projetos de escuta e protagonismo estudantil** – promover rodas de conversa, produções artísticas e campanhas em que os estudantes expressem suas experiências e soluções;
- d. **Parceria intersetorial com a rede de proteção** – fortalecer vínculos entre escola, Conselho Tutelar, famílias e serviços de saúde, criando fluxos de encaminhamento e acolhimento;
- e. **Educação para a convivência democrática** – desenvolver práticas pedagógicas que valorizem o respeito às diferenças e a cultura de paz como eixo transversal do currículo.

Essas propostas reafirmam o papel do professor de Ciências como mediador do conhecimento e agente de transformação social. Inspirado por Freire, ele ensina e aprende com os estudantes, construindo uma escola que não apenas ensina conteúdos, mas forma cidadãos conscientes, críticos e solidários.

## Considerações finais

Encerrar este percurso é reconhecer que educar para a liberdade exige coragem coletiva e compromisso social. O estudo realizado em Arari (MA) revelou tanto a potência quanto os limites da escola diante do *bullying*. De um lado, professores e estudantes mostram-se abertos ao diálogo, desejosos de aprender a conviver respeitosamente; de outro, a ausência de políticas articuladas e a invisibilidade do tema nas instâncias institucionais evidenciam o quanto ainda precisamos avançar. A falta de compreensão de algumas autoridades locais sobre o fenômeno contribui para a naturalização da violência, quando, na verdade, o enfrentamento do *bullying* demanda ação conjunta entre educação, saúde, assistência social e família.

Não se trata de responsabilizar o professor ou o estudante. O problema não reside em sujeitos isolados, mas na própria sociedade que precisa aprender a discutir, de modo civilizado, o respeito à diversidade e à pluralidade que nos constitui como nação. A escola é o reflexo das tensões e contradições de um país que ainda luta para afirmar a igualdade como princípio ético e político. Por isso, o enfrentamento do *bullying* deve ser entendido como parte de uma política pública ampla de promoção da convivência democrática.

O fenômeno não pode ser reduzido a causas biológicas, patologizantes ou exclusivamente psicológicas. É preciso romper com a tendência de tratá-lo como desvio individual a ser medicalizado. O *bullying* é um fenômeno social, cultural, político e econômico, multifacetado, que emerge das desigualdades e da lógica competitiva da sociedade capitalista. Sua superação, portanto, exige análise crítica e atuação coletiva, sustentadas por uma abordagem interdisciplinar que una educadores, psicólogos, assistentes sociais, conselheiros tutelares e famílias.

Também é preciso cuidar tanto da vítima quanto do agressor, pois ambos são produtos de uma mesma estrutura social excludente. Como nos ensina Freire (1987), “é preciso que o oprimido não se torne opressor”. Cuidar do agressor é compreender que ele também precisa ser educado na ética do respeito e da empatia; cuidar da vítima é garantir que sua dor não se transforme em silêncio ou ressentimento. Somente o diálogo e a educação humanizadora podem quebrar esse ciclo.

Assim, reafirma-se que a escola é espaço de construção do respeito, da escuta e da convivência. Somente quando o diálogo freiriano se tornar

prática cotidiana, e não apenas discurso, poderemos falar em uma educação verdadeiramente libertadora. Que as políticas públicas, a formação docente e as ações intersetoriais possam caminhar juntas, de modo que o respeito à dignidade humana seja o alicerce das relações sociais e o horizonte ético da educação brasileira.

## Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Básica – Ensino Fundamental – Anos Finais. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.185**, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Presidência da República: Secretaria-Geral, 2015.

BRASIL. **Lei nº 14.811**, de 12 de janeiro de 2024. Dispõe sobre medidas de prevenção e enfrentamento ao *bullying* e à violência escolar. Diário Oficial da União, 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Presidência da República, Casa Civil, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. O *bullying* escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 203–215, maio/ago. 2013. Universidade Presbiteriana Mackenzie.

SOUZA, Vitória Raquel Pereira de et al. *Bullying escolar em Arari: entre o silêncio e a urgência da ação*. **Anais da Jornada Internacional de Educação Pública**. São Luís (MA): UFMA, 2025.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron; CAMPOS, Carlos Alexandre. *Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar*. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 275–283, maio/ago. 2016.

## Conselho Tutelar e *bullying* escolar: relatos de uma atuação intersetorial no município de Arari, Maranhão

Raquel Soeiro Pestana

### Caminhos que me trouxeram até aqui

O ponto de partida desta pesquisa surgiu durante uma aula do curso de Ciências Biológicas – Licenciatura, na qual se iniciou uma discussão sobre o impacto do *bullying* em estudantes da educação básica. Nesse contexto, uma estudante com mais de 40 anos relatou que, em sua época escolar, havia diversas “brincadeiras” em sala de aula que hoje seriam caracterizadas como *bullying*, mas que, naquela época, não eram percebidas como ofensivas, sendo encaradas apenas como “brincadeiras”. Ela mencionou, em tom aparentemente irônico ou de brincadeira, que atualmente os estudantes levam tudo muito a sério, como se não fosse mais possível falar livremente, sugerindo que muitas dessas situações seriam apenas “frescura”<sup>1</sup>.

Apesar do tom de julgamento presente na fala da estudante, ao sugerir que tais situações seriam apenas “frescura”, é fundamental destacar que essa percepção desconsidera e desvaloriza o sofrimento dos estudantes. O *bullying* pode provocar impactos significativos, sejam físicos, emocionais ou mentais, evidenciando a gravidade dessa forma de violência. Diante desse relato, manifestei-me enquanto estudante e conhecedora das garantias de direitos, ressaltando que muitos alunos já eram afetados por essas práticas, mesmo que, à época, não houvesse reconhecimento formal ou caracterização do *bullying*. Essa troca de experiências fomentou um debate relevante em sala de aula, promovendo reflexões críticas sobre os efeitos emocionais e acadêmicos decorrentes dessa forma de violência.

A partir desse diálogo inicial, que nasceu de percepções distintas sobre o tema, consolidou-se o interesse em aprofundar a investigação, buscando compreender melhor os tipos de *bullying*, suas consequências e, sobretudo,

---

1 Frescura (s.f.): exagero, delicadeza excessiva ou manias consideradas desnecessárias. [Popular] Certo ar de feminilidade; efeminação. HOUAISS, Antônio. Verbete. In: HOUAISS online. [S. l.]: Instituto Antônio Houaiss, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/frescura/>. Acesso em: 27 out. 2025.

o papel do professor de Ciências no Ensino Fundamental – Anos Finais, no enfrentamento e na prevenção desse fenômeno.

Ao refletir sobre minha trajetória acadêmica, percebo que a escolha por esse tema não foi aleatória. Sempre me interessei pela garantia dos direitos da criança e do adolescente, isso inclui crianças e adolescentes vítimas de violências que ocorrem dentro do ambiente escolar. O *bullying*, infelizmente, é uma realidade que afeta muitos alunos, interferindo diretamente no desempenho escolar, na autoestima e na saúde mental. Essa preocupação me motivou a desenvolver um trabalho que não apenas analisa dados, mas também propõe reflexões práticas sobre como agir diante dessa questão.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da análise de dados estatísticos fornecidos pelo Conselho Tutelar do município de Arari, Maranhão, que registrou, em 2024, 10 casos de *bullying*: 7 de *bullying* verbal, 2 familiares e 1 social. Ressalta-se que as informações utilizadas referem-se exclusivamente a dados numéricos e quantitativos, sem acesso à identificação das vítimas ou a quaisquer dados pessoais, em respeito ao sigilo institucional e às garantias de proteção integral previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Por *bullying* verbal entende-se a prática de agressões por meio de palavras, como xingamentos, apelidos pejorativos, ameaças ou humilhações públicas. Por *bullying* familiar compreendem-se atos de intimidação ou humilhação ocorridos dentro do ambiente familiar ou envolvendo membros da família. Já o *bullying* social refere-se a situações em que o estudante é excluído, isolado ou alvo de difamação em contextos coletivos, como grupos de amigos ou redes sociais.

Dos casos verbais, 4 ocorreram em escolas do Ensino Fundamental – Anos Finais - sendo o tipo mais frequente entre os estudantes da rede municipal. É importante destacar que, embora os demais episódios não tenham ocorrido em sala de aula, todos envolveram alunos da rede de ensino municipal. Esses relatos evidenciam o impacto desse fenômeno na vida escolar e reforçam a necessidade de fortalecer ações de prevenção e de enfrentamento nas instituições de ensino.

Percebe-se ainda que muitos casos acabam sendo ignorados ou tratados como “brincadeiras”, o que contribui para a naturalização da violência, frequentemente devido à falta de preparo ou conhecimento dos professores sobre o tema.

## Entre escutas, olhares e silêncios: o que descobri na escola?

O Conselho Tutelar de Arari, Maranhão, “órgão autônomo, permanente e não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente” (Brasil, 1990, art. 131), contribuiu de forma significativa para esta pesquisa, pois, por meio dos dados fornecidos, foi possível analisar a quantidade de registros de casos de crianças e adolescentes vítimas de *bullying* no Ensino Fundamental. O órgão demonstrou empenho em colaborar com o estudo, com o objetivo de favorecer a construção de soluções que contribuam para a redução desse tipo de violência no ambiente escolar, que deveria ser um espaço de acolhimento e proteção.

Entre as situações ocorridas no município de Arari, destaca-se o caso de um adolescente que sofria violência no ambiente escolar. A família recorreu ao Conselho Tutelar após não receber o devido apoio da gestão da escola, que chegou a considerar tais comportamentos como normais. Segundo o relato, a mãe havia solicitado providências à direção, pois o estudante apresentava crises de ansiedade, chorava frequentemente ao se aproximar do horário de ir para a escola e encontrava-se tão afetado pelo *bullying* que já não desejava mais frequentar as aulas. Ressalta-se que o caso é apresentado com preservação do sigilo das partes envolvidas.

Os dados referentes a 2024 indicam o registro de quatro casos de *bullying* no Ensino Fundamental. Antes disso, não havia casos com frequência registrados dessa forma, o que levanta a seguinte questão: será que o problema não era percebido e comunicado? Isso evidencia como muitas situações de violência podem passar despercebidas ou serem tratadas como algo comum dentro da escola. Mesmo sendo poucos casos, cada um carrega uma história de dor e merece atenção. O fato de agora estarem sendo registrados é um sinal de que o tema começa a ganhar visibilidade, fundamental para que medidas de prevenção e cuidado sejam implementadas, contribuindo para transformar a escola em um espaço mais seguro, acolhedor e respeitoso para todos.

As garantias legais de proteção devem se estender, inclusive, à escola, pois o *bullying* é um tipo de violência que compromete o desenvolvimento físico, emocional e social de crianças e adolescentes; e, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a violência é crime e gera responsabilidades legais para os autores e para aqueles que deixam de agir para preveni-la. A Lei

14.811/2024, sancionada em janeiro de 2024, reforça que enfrentar o *bullying*, tanto no ambiente escolar quanto no digital, é dever de toda a rede de proteção, incluindo família, professores, gestores escolares e órgãos públicos, destacando que ações preventivas, conscientização e acompanhamento psicológico são essenciais para garantir um ambiente seguro e de acolhimento às crianças e adolescentes.

## **Quando a escola silencia, o Conselho Tutelar escuta!**

Muitas situações de *bullying* ainda passam despercebidas ou são naturalizadas na rotina escolar, deixando crianças e adolescentes vulneráveis. Nesse cenário, o Conselho Tutelar se destaca como elo fundamental da rede de proteção, que envolve a escola, a família, os profissionais de saúde e demais órgãos de garantia de direitos. Ao receber comunicações, muitas vezes anônimas, sobre possíveis violações, o órgão notifica os envolvidos, aplica medidas de proteção quando necessário, responsabiliza os autores e orienta os gestores escolares, com o objetivo de prevenir novos episódios, proteger o pleno desenvolvimento das vítimas e promover um ambiente escolar seguro, respeitoso e favorável à aprendizagem.

É possível mencionar que, em comunicações recebidas pelo Conselho Tutelar no município, houve necessidade de atuação institucional para assegurar direitos relacionados ao respeito, à dignidade e à liberdade no ambiente escolar. Nessas situações, por meio de diálogo com a gestão escolar, solicitou-se a emissão de ofício detalhando o ocorrido e as providências adotadas pela escola. Observou-se, contudo, que nem sempre as medidas inicialmente adotadas mostraram-se suficientes, o que reforça a importância do cumprimento das responsabilidades legais e institucionais para garantir a proteção integral dos estudantes.

De forma complementar, o ECA reforça essa responsabilidade. O artigo 17 assegura o direito ao respeito, compreendendo a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, enquanto o artigo 18 estabelece que é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, protegendo-os de qualquer tratamento desumano, violento, vexatório ou constrangedor (Brasil, 1990). Esses dispositivos evidenciam a importância de acolher, proteger e valorizar cada criança, reforçando a necessidade de ações educativas e preventivas dentro da escola.

A atuação do professor diante do *bullying* exige coragem e sensibilidade. Para intervir adequadamente em situações delicadas, é fundamental que o docente também conte com conhecimento pedagógico e estratégias articuladas com outros setores da escola e da comunidade, como familiares e serviços de proteção. Educar com amor significa perceber cada aluno como sujeito de direitos, valorizando suas experiências, respeitando suas diferenças e estimulando o desenvolvimento integral. Essa postura fortalece a aprendizagem e contribui para a prevenção da violência, mostrando que a escola é um espaço de cuidado, respeito e construção de cidadania, sem atribuir ao professor a responsabilidade exclusiva pelo enfrentamento do *bullying*.

Como destaca Freire (1987, p. 45), “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Essa reflexão evidencia que enfrentar o *bullying* escolar exige não apenas a aplicação de normas legais, mas também coragem, diálogo e atuação prática de todos os envolvidos na educação e na proteção dos estudantes, reforçando a importância de uma postura educativa baseada no respeito, na escuta e na valorização de cada criança e adolescente como sujeito de direitos.

À luz desse pensamento, percebe-se que o enfrentamento ao *bullying* demanda políticas públicas mais consequentes e articuladas, que mobilizem diferentes setores em torno de uma rede de proteção efetiva. A Assistência Social pode oferecer acompanhamento às famílias em situação de vulnerabilidade; a Saúde deve assegurar suporte psicológico às vítimas e aos agressores; e a Educação precisa investir em práticas pedagógicas inclusivas e preventivas, que favoreçam a convivência respeitosa e o reconhecimento das diferenças no ambiente escolar.

Nesse processo intersetorial, o Conselho Tutelar desempenha papel estratégico como órgão de garantia de direitos, atuando na mediação e no encaminhamento de casos, requisitando serviços da rede sempre que necessário e fiscalizando a aplicação das medidas de proteção. Sua atuação fortalece o compromisso coletivo de assegurar às crianças e adolescentes uma vivência escolar livre de violência, consolidando a escola como espaço de respeito, cuidado e promoção de direitos.

## Quando Paulo Freire entra na sala de aula

A pesquisa desenvolvida na escola, marcada por casos de *bullying* e pela necessidade de escuta atenta dos estudantes do Ensino Fundamental/Anos Finais - ganha profundidade quando analisada à luz do pensamento de Paulo Freire. Para ele, o diálogo é uma relação horizontal entre os sujeitos, que nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Freire, 1967, p. 107). Essa perspectiva evidencia a importância de reconhecer os estudantes como sujeitos ativos, capazes de construir sentido a partir de suas experiências e de participar das decisões que impactam seu aprendizado e convivência.

O relato de um estudante ilustra de forma concreta essa concepção: ele afirmou que, em decorrência do *bullying*, deixou de sentir vontade de jogar bola, atividade que antes considerava uma de suas preferidas, passou a evitar momentos de lazer com os colegas e chegou a imaginar não frequentar mais o ambiente escolar. Esse episódio evidencia as consequências emocionais e sociais da violência escolar, mostrando como tais experiências podem comprometer o bem-estar, silenciar o estudante e prejudicar sua participação crítica e consciente no processo de aprendizagem, afastando-se da concepção freiriana de que o diálogo e a participação ativa são essenciais para o desenvolvimento integral do sujeito.

Esse relato revela como o *bullying* interfere diretamente no processo de socialização, afetando tanto o bem-estar emocional quanto a participação em atividades significativas para o desenvolvimento do estudante. O afastamento de práticas que antes proporcionavam prazer e integração, como o esporte e a convivência com os colegas, sinaliza um impacto negativo não apenas na vida escolar, mas também na construção da autoestima e no fortalecimento dos vínculos sociais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reconhece crianças e adolescentes como sujeitos de direitos e garante sua proteção integral. O art. 16, inciso II, assegura que o direito à liberdade inclui a possibilidade de expressão e manifestação de opiniões, permitindo que manifestem seus pensamentos e ideias livremente (Brasil, 1990). Considerando essa base normativa, uma educação pautada na escuta ativa e na valorização do protagonismo dos estudantes contribui para transformar a escola em um espaço de cidadania, promovendo convívio seguro, respeitoso e democrático.

Cada relato de *bullying* ou exclusão, ao ser reconhecido e problematizado, torna-se uma oportunidade de ação educativa, permitindo identificar violências, desenvolver estratégias de prevenção e promover reflexão crítica, participação e responsabilidade coletiva, garantindo que a escola seja mais do que um espaço de aprendizagem formal. Nessa perspectiva, inspirada no pensamento de Freire (1967), o enfrentamento do *bullying* assume um caráter ético e educativo, em que cada conflito deixa de ser apenas um episódio de violência e passa a ser compreendido como uma oportunidade de diálogo, reflexão crítica e transformação das relações.

Professores, colegas, famílias e toda a comunidade escolar são convocados a intervir de forma corresponsável, cultivando práticas que fortaleçam vínculos e promovam uma convivência pautada no respeito, na dignidade e na solidariedade, reafirmando a escola como espaço de aprendizagem e também de construção humana e coletiva (Souza et al, 2025).

Dessa forma, a pedagogia freiriana demonstra que proteger os estudantes e promover a cidadania caminham juntos. O enfrentamento do *bullying* torna-se uma prática educativa que valoriza o protagonismo dos estudantes, tornando a escola um espaço seguro, democrático e formador de sujeitos conscientes de seus direitos.

## **O que ficou em mim: aprendizados, inquietações e sonhos**

O art. 4º do ECA reforça que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1990). Ao ler esse artigo, senti que ele dialoga diretamente com o que observei na escola: a proteção e o desenvolvimento dos estudantes não dependem apenas da atuação da instituição escolar, mas de um esforço integrado de toda a rede de cuidado. Esse entendimento reforça a importância de políticas, práticas pedagógicas e ações comunitárias que promovam a cidadania, o respeito e o bem-estar dos alunos, o que mostra como a teoria e a prática podem se complementar na construção de ambientes educativos mais seguros e acolhedores.

A experiência de investigar o *bullying* no Ensino Fundamental/Anos

Finais e de analisar os dados fornecidos pelo Conselho Tutelar deixou marcas profundas em minha formação e em minha visão sobre a escola. No artigo que publicamos na *Jornada Internacional de Educação Pública* (Ferreira *et al.*, 2025), mencionamos que “o *bullying* escolar é uma característica que afeta diretamente o bem-estar e o desempenho acadêmico dos estudantes, sendo um desafio para a gestão educacional e para os órgãos de proteção à infância e adolescência. No município de Arari, os casos de *bullying* registrados pelo Conselho Tutelar representam uma fonte relevante de dados sobre a incidência, os tipos de violência praticados e os perfis dos envolvidos”. Essa experiência evidenciou a complexidade das relações escolares e despertou inquietações sobre como cada ação educativa pode impactar a vida dos estudantes, fortalecendo meu papel como acadêmica, futura professora e pesquisadora iniciante.

Percebi que a escola é muito mais do que um espaço de transmissão de conteúdos: é um ambiente de convivência, de formação de valores e de exercício da cidadania. A aprendizagem está intimamente ligada ao respeito, à escuta e à valorização de cada estudante como sujeito ativo. Como pesquisadora iniciante, aprendi que os próprios estudantes possuem uma capacidade impressionante de expressão, crítica e protagonismo. Suas vozes revelam necessidades, dores e desejos que muitas vezes passam despercebidos na rotina escolar. Cada situação de *bullying* representa não apenas um problema a ser enfrentado, mas também uma oportunidade de investigação, reflexão e construção coletiva de soluções que promovam o convívio respeitoso. A partir dessa vivência, percebo um fortalecimento da minha atuação como pesquisadora iniciante e futura professora. É possível agir não apenas na análise e produção de conhecimento, mas também na proposição de estratégias de prevenção, na escuta atenta dos estudantes e na articulação com a rede de proteção, contribuindo para um ambiente escolar mais seguro, inclusivo e formador de cidadãos conscientes de seus direitos. Como podemos transformar a escola em um espaço inclusivo, seguro e capaz de formar cidadãos conscientes de seus direitos?

## Referências

ARARI, Conselho Tutelar. **Relatório de Casos de *Bullying* do ano de 2024**. Arari, MA, 2025.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jul. 1990.

BRASIL. **Lei nº 14.811, de 10 de janeiro de 2024**. Dispõe sobre medidas de prevenção e enfrentamento ao *bullying* e à violência escolar. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SOUZA, Vitoria Raquel Pereira de *et al.* *Bullying* Escolar em Arari: entre o silêncio e a urgência da ação. In: **Anais da Jornada Internacional de Educação Pública**. São Luís (MA) Universidade Federal do Maranhão-UFMA, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/joinep25/1069078-bullying-escolar-em-arari--entre-o-silencio-e-a-urgencia-da-acao>. Acesso em: 12 set. 2025.

## O professor de Ciências e sua prática frente ao *bullying*

Laiane Silva dos Santos

### Entre a pesquisa e a experiência: meu olhar sobre o *bullying*

No ano de 2025, durante a disciplina de Metodologia Científica, no curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, fomos convidados pela professora a explorar temas previamente definidos, todos envolvendo questões sociais relevantes e atuais. Entre eles, um nos chamou atenção de forma especial: o *bullying*. Nas discussões em grupo, decidimos que não queríamos tratar o *bullying* apenas como um problema de comportamento. Queríamos ir além, entendê-lo em sua complexidade e profundidade.

Essa pesquisa mexeu comigo de um jeito que eu não esperava. À medida que nos aprofundávamos no tema, comecei a me questionar: será que estamos realmente dando a devida atenção ao *bullying* nas salas de aula? Estamos ouvindo quem sofre? Assim como é essencial reconhecer a vítima, também é necessário compreender o agressor e promover, por meio do diálogo e da escuta crítica, a desconstrução de atitudes opressoras em direção a relações mais humanas e respeitosas. E mais: qual é o meu papel, como discente e futura profissional da educação, diante dessa realidade?

Durante nossas pesquisas, ao ler os questionários respondidos pelos professores, senti em mim algo profundo em relação ao *bullying*. Percebi a necessidade de ir além, de mergulhar mais fundo nesse tema, de falar e, ao mesmo tempo, de ouvir. Enquanto lia, as palavras pareciam dialogar comigo como se entrassem em contato e estabelecessem um consenso dentro de mim.

Essas inquietações me levaram a escrever como forma de problematizar um tema que tantas vezes é invisibilizado, mas que precisa ganhar espaço nas nossas discussões e práticas educativas. Dentro da pesquisa, fiquei responsável por compreender, a partir das narrativas dos estudantes, os impactos do *bullying* em sua saúde. Desde o início, percebi que uma das maiores preocupações no ambiente escolar é justamente como o *bullying* afeta emocionalmente os sujeitos, trazendo prejuízos no desempenho escolar e social dos alunos.

Analisei como ele interfere nas relações escolares e pessoais e quais as consequências que pode trazer a curto e longo prazo. Na minha visão, tratar o *bullying* com seriedade é como beber água: algo essencial. Assim como a falta de água pode matar, a negligência diante dessa temática também pode causar danos profundos — de forma silenciosa e gradual.

Falar sobre *bullying* e compreender suas raízes é, para mim, tão importante quanto respirar. Hoje, mais do que nunca, esse tema precisa ser falado, ensinado, debatido e acolhido em todos os espaços: nas escolas, nas famílias, nas comunidades. Existem pessoas que sofrem caladas, que carregam cicatrizes invisíveis ao longo tempo e muitas vezes ninguém percebe. Então, me pergunto: quem sou eu na educação? Quem sou eu na sociedade diante de tudo isso? Tenho, sim, responsabilidade. Não posso me calar. Preciso agir. É necessário entender para poder agir e agir com consciência, empatia e coragem. Meu objetivo aqui foi olhar para o *bullying* de forma profunda e consciente, compreendendo o que ele realmente é e o que eu, enquanto futura professora, posso e devo fazer diante dessa realidade.

O *bullying* é, sem dúvida, uma das formas mais cruéis e silenciosas de violência. Ele se manifesta de maneira tão sutil e, ao mesmo tempo, tão perversa, que é impossível não se sentir profundamente incomodada diante dessa prática. Há algo de muito grave na forma como o *bullying* se instala: silencioso, constante, muitas vezes invisível aos olhos de quem não quer enxergar. E é justamente essa “inteligência” por trás do ato, essa capacidade de ferir sem deixar marcas aparentes, que o torna tão perigoso e urgente de ser combatido.

Cada tipo de *bullying* revela uma faceta da violência cotidiana que, muitas vezes, é ignorada ou até normalizada. Por isso, é fundamental que a escola promova ações pedagógicas de prevenção e combate ao *bullying*, criando estratégias de acolhimento e diálogo, que fortaleçam a formação humana, social e cidadã dos estudantes. A escola precisa assumir seu papel formativo não apenas no campo acadêmico, mas também como agente ativo na construção de relações saudáveis e respeitadas.

É urgente informar, capacitar e sensibilizar os docentes para essa realidade que está presente nos corredores, nas salas de aula, nos olhares e nos silêncios. Aqueles que estão em contato direto com os estudantes precisam saber reconhecer os sinais e, mais que isso, precisam agir. Combater o *bullying* é um ato de cuidado com a vida: é enxergar a dor do outro, romper com o ciclo da

violência e construir, diariamente, um espaço onde todos se sintam respeitados, amados e pertencentes.

A investigação desenvolveu-se a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com seis docentes que atuam no Ensino Fundamental, nos anos finais, em escolas públicas do município de Arari (MA). Todos os participantes foram convidados de forma voluntária e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o que assegura o sigilo das informações e o respeito aos princípios éticos da pesquisa. Para preservar a identidade dos docentes, optou-se pela utilização de códigos numéricos — Professor 1, Professor 2, Professor 3, Professor 4, Professor 5 e Professor 6 — os quais aparecem ao longo do texto vinculados às falas analisadas. Entre os entrevistados, dois são do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com diferentes tempos de experiência docente. As entrevistas buscaram compreender as percepções, os desafios e as estratégias pedagógicas relacionadas ao enfrentamento do *bullying* escolar no ensino de Ciências, compondo o material empírico que fundamenta as reflexões apresentadas neste capítulo.

## **Visão e olhar docente: experiências e desafios diante do *bullying***

Durante a pesquisa nas escolas, aplicamos questionários junto a seis professores, com o objetivo de compreender qual era a percepção deles sobre o *bullying* no ambiente escolar. As respostas apresentaram pontos em comum, mesmo com diferentes formas de explicar o fenômeno.

O professor 4 diz que “o *bullying* no ambiente escolar pode ser compreendido como um comportamento intencional, repetitivo e agressivo, que ocorre dentro do contexto escolar e envolve um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima”. Esse comportamento pode se manifestar de diferentes formas, como físico - expresso por empurrões, chutes, socos e destruição de pertences - verbal, por meio de insultos, apelidos pejorativos, ameaças e humilhações, e psicológico, caracterizado pela exclusão social, manipulação e disseminação de boatos.

Professor 5 ressaltou que “o *bullying* acontece quando um aluno, ou um grupo, age de forma agressiva, intencional e repetitiva contra outro, causando sofrimento emocional ou físico”. Outros participantes da pesquisa definem como um comportamento agressivo e contínuo que acontece dentro

de uma relação desigual de poder. O professor 6 “destaca o aspecto da agressão física, verbal ou psicológica repetidas, sempre causando dor à vítima”. Apesar das variações, todas as definições apontam para os mesmos elementos centrais: a intenção, a repetição e as consequências emocionais ou físicas.

Os professores também destacaram sinais que podem indicar que um aluno está sofrendo *bullying*. Um exemplo disso é o que o professor 1 discute ao afirmar que: “o aluno que está sofrendo *bullying* pode apresentar sinais que se manifestam em aspectos emocionais, comportamentais, físicos e acadêmicos. Entre esses sinais, destacam-se o isolamento social, as mudanças frequentes de humor, a baixa autoestima, o medo de ir à escola, os pesadelos ou a insônia, além da perda de interesse por atividades anteriormente apreciadas”.

Nesse sentido, os professores compreendem que entre eles estão o isolamento social, a queda no rendimento escolar, a tristeza constante, mudanças no apetite ou no sono, instabilidade emocional, medo de ir à escola e a ansiedade. Também foram mencionados machucados sem explicação, objetos danificados e problemas de saúde recorrentes. professor 1 observou que o *bullying* pode afetar diretamente a saúde emocional, levando a quadros de ansiedade e depressão. Por isso, é essencial que os educadores estejam atentos às mudanças de comportamento e criem um ambiente seguro, onde os alunos se sintam à vontade para falar.

Quanto às estratégias para combater o *bullying*, os professores destacaram a importância de construir um ambiente acolhedor e respeitoso, que favoreça os vínculos entre os alunos.

O professor 1 mencionou que “promove atividades colaborativas, com o objetivo de estimular o respeito mútuo e o diálogo aberto entre os alunos. Dessa forma, quando identifica sinais de desconforto ou exclusão, procura intervir de maneira preventiva”.

Muitos promovem atividades que incentivam a empatia, a cooperação e o respeito mútuo, reconhecendo que essas atitudes fortalecem relações mais saudáveis. A percepção da gravidade do *bullying* leva os docentes a adotarem posturas mais proativas, com estratégias pedagógicas voltadas à inclusão e ao diálogo.

Já o professor 2 relatou que “seu olhar sobre o bem-estar dos alunos influencia diretamente suas práticas em sala”.

Nas falas docentes apareceu a percepção de que o ensino de Ciências

pode ser um espaço fértil para enfrentar o *bullying*. Ao discutir o corpo humano, a nutrição ou a saúde mental, os professores relataram que é possível problematizar padrões estéticos, valorizar a diversidade e abrir diálogo sobre como a exclusão afeta a vida escolar. Ao discutir o corpo humano, a nutrição ou a saúde mental, os professores relataram que é possível problematizar padrões estéticos, valorizar a diversidade e abrir diálogo sobre como a exclusão afeta a vida escolar. Nessa perspectiva, conteúdos como corpo humano, saúde mental e nutrição tornam-se estratégicos para promover essas reflexões e debates. Isso pode ser feito ao discutir as consequências físicas e emocionais do estresse, promover discussões sobre diversidade corporal e autoestima, além de problematizar padrões estéticos ligados à exclusão. Por meio de debates e rodas de conversa, o docente contribui para a sensibilização dos alunos, estimulando o respeito mútuo e a construção coletiva de soluções.

O professor 2 “relatou que procura manter um ambiente acolhedor, onde os alunos se sintam respeitados e livres para se expressar”. Já o professor 3 afirmou que o “*bullying* prejudica a aprendizagem, gerando desmotivação e exigindo práticas pedagógicas mais inclusivas. Ele observa que, quando a visão sobre o *bullying* é limitada, as ações são ineficazes. Mas, quando o educador tem consciência e sensibilidade, as atitudes se tornam mais assertivas e preventivas”.

## O diálogo do docente com a fala freiriana

Nesse sentido, Freire (1994, p. 44) nos lembra que “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa [...]”. Isso exige uma postura crítica, ética e transformadora por parte do professor.

Um dos docentes entrevistados destacou a relevância das práticas pedagógicas e de sua percepção sobre o *bullying* e suas implicações para a saúde. Segundo ele, o conhecimento sobre as possibilidades e ocorrências do *bullying* o ajuda a manter-se mais atento às rotinas da sala de aula, levando-o a buscar constantemente informações sobre como identificar e enfrentar o problema. Ressaltou, ainda, que estar informado sobre o tema é fundamental para a atuação docente.

Algo recorrente nas falas dos docentes é o sentimento de sobrecarga. Muitos relatam dificuldades semelhantes, como a falta de formação adequada,

o pouco apoio da gestão escolar e a ausência de espaços de sensibilização sobre o tema. Além disso, há uma falha importante na comunicação entre escola e famílias, o que aumenta a frustração dos professores. Apesar disso, os docentes se esforçam em desenvolver atividades que promovam empatia, colaboração e respeito.

Eles também mencionaram a importância de palestras, oficinas e uso das mídias como formas de dar visibilidade ao *bullying* e promover mudanças. No entanto, apontam a ausência de projetos institucionais voltados para o enfrentamento da questão, o que dificulta ainda mais o trabalho.

A análise das falas mostra que a escuta mútua entre professores e alunos é vista como central no combate ao *bullying*. Essa postura está em sintonia com Freire (1994, p. 47), que diz que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. O papel do professor não é o de uma autoridade distante, mas de alguém que caminha junto com os alunos, ouvindo, aprendendo e mediando dores e conflitos.

No caso específico da prática do professor de Ciências, é essencial criar espaços seguros, éticos e acolhedores, onde os estudantes se sintam à vontade para compartilhar suas vivências. O professor 2 destacou, em sua fala, a intencionalidade em oferecer esse tipo de espaço em sua sala, permitindo que os alunos falem sobre suas experiências, inclusive sobre violência ou exclusão.

Diversas atividades podem articular *bullying*, saúde e convivência, como projetos sobre corpo humano e saúde mental, experimentos sobre hábitos alimentares e bem-estar, feiras de saúde que promovam debates sobre respeito e empatia, e campanhas educativas com murais, vídeos ou rodas de conversa sobre violência, diversidade e inclusão, estimulando a participação dos alunos na construção de um ambiente escolar acolhedor.

Essa prática se conecta com a ideia de que “a educação autêntica não se faz de ‘A’ para ‘B’ ou de ‘A’ sobre ‘B’, mas de ‘A’ com ‘B’, mediatizados pelo mundo” Freire (1967, p. 48). Ensinar, portanto, não é impor: é construir juntos. Diante do *bullying*, isso significa escutar os alunos, dar visibilidade às suas dores e envolver toda a comunidade escolar na busca por soluções.

Freire (1967, p. 97) ainda nos lembra que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não se pode temer o debate, a análise da realidade. Não se pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Nesse sentido, amar, no contexto da educação, não significa ser conivente ou omissivo,

mas comprometer-se de forma crítica e ética com o outro. Nesse contexto, o professor 2 relatou que o “combate ao *bullying* deve ocorrer em todos os setores da sociedade, incluindo a mídia, que exerce um papel fundamental ao levar informações a toda a população”.

Além disso, ele ressaltou que as políticas educacionais são essenciais nesse processo, pois precisam estabelecer estratégias e novas formas de prevenção e intervenção. Segundo o professor 2, as informações divulgadas pela mídia e aplicadas por meio das políticas educacionais contribuem significativamente para enfrentar de maneira mais eficaz esse problema, que tem afetado muitos alunos no contexto escolar.

Portanto, no enfrentamento do *bullying*, essa coragem se manifesta na escuta sensível, na mediação de conflitos e na construção de um ambiente escolar mais justo e acolhedor. A escuta, nesse processo, torna-se uma ferramenta essencial, pois permite reconhecer o outro em sua humanidade e contribui para uma educação verdadeiramente libertadora.

## **O que eu vi, ouvi e aprendi**

Uma das maiores aprendizagens que levo dessa experiência é, também, uma grande inquietação: perceber que, apesar de ser um tema urgente e profundo, o *bullying* ainda é negligenciado. Deveria ser tratado com seriedade em todos os espaços, escolas, famílias, comunidades, mas muitas vezes é ignorado.

Durante o processo de pesquisa, percebi que o *bullying* deixou de ser apenas um conceito estudado nos textos: ganhou rostos, vozes e histórias que me fizeram enxergá-lo de forma mais humana e urgente. Percebi que há em todos nós uma necessidade profunda de pertencimento, de ser ouvido e acolhido. O *bullying* precisa ser debatido e enfrentado não apenas como conteúdo, mas como prática pedagógica com base na escuta, na empatia e no acolhimento.

Mesmo diante de todos os desafios enfrentados pelos professores, inclusive da pouca participação da gestão escolar, pude perceber que há educadores comprometidos com seus alunos. Esses profissionais, dentro do contexto escolar e especialmente em sala de aula, buscam criar estratégias de sensibilização, como palestras, oficinas e rodas de conversa.

Precisamos levantar essa bandeira com coragem. O *bullying* machuca, mas também pode ser enfrentado com sensibilidade, responsabilidade e

compromisso com a vida. Enfrentá-lo é um passo importante para a construção de uma escuta, mesmo quando as condições são mínimas. Há, sim, professores atentos, sensíveis, alinhados com uma educação libertadora, como nos inspira Paulo Freire. E há estudantes sendo ouvidos. Isso renova a esperança e reforça a importância de continuar falando, ensinando e defendendo a discussão sobre o tema do *bullying* como algo essencial à formação humana e à prática pedagógica consciente.

Ainda assim, uma pergunta continua me acompanhando: por que um tema tão sério, que envolve dor, marcas profundas e vítimas reais, ainda é negligenciado? Essa ausência nas discussões educacionais e sociais revela uma urgência que não pode mais ser ignorada.

Como futura professora de Ciências, me pergunto que ações posso tomar não apenas como pesquisadora iniciante, mas também como cidadã, irmã, filha e amiga. O compromisso com a transformação não pode se restringir à escola ou à universidade; é necessário que esse debate alcance as ruas, os espaços públicos e as rodas de diálogo da sociedade, fortalecendo práticas mais justas, solidárias e emancipatórias.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

## Ensinar Ciências com consciência: a percepção de docentes sobre o combate ao *bullying* escolar

Mariana Saraiva Nunes

### Caminhos que me trouxeram até aqui

Escrever sobre a temática “*Bullying* e ensino de Ciências” não foi apenas uma escolha acadêmica, enquanto discente do curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, mas também uma necessidade pessoal e profissional. Durante a pesquisa nas escolas públicas do município de Arari, Maranhão, percebi que muitas vezes o currículo de Ciências da rede municipal não alcança as dores e realidades dos estudantes.

O ensino de Ciências pode ser uma porta para falar de corpo, saúde mental, emoções, convivência e cidadania. Numa aula de Ciências sobre o sistema nervoso, por exemplo, o professor poderia abordar não apenas os aspectos biológicos, mas também discutir como situações de estresse, ansiedade ou *bullying* afetam diretamente o funcionamento do corpo e a saúde mental dos alunos. Essa possibilidade também foi mencionada por professores entrevistados, que destacaram como relacionar conceitos científicos às vivências dos alunos pode tornar o ensino mais significativo. No entanto, quando a disciplina fica restrita aos conteúdos tradicionais, esta perde a oportunidade de dialogar com a vida.

O interesse pela temática floresceu durante a disciplina de Metodologia Científica, mas ainda na minha fase de estudante de Ensino Médio, vi colegas sofrerem com a exclusão, testemunhei situações de violência velada e, ao mesmo tempo, notei o silêncio de muitos professores que, mesmo sensíveis, não encontravam caminhos para intervir. Esse silêncio me inquietou. Por esta razão inquietante é que resolvi buscar, através das pesquisas nas escolas, uma possibilidade de solucionar o silêncio entre alunos, professores e instituições responsáveis por intervir em situações que envolvam o *bullying*. Tais instituições podem aqui ser citadas como primeiras na ação, a própria Instituição Escolar, o Conselho Tutelar, a Polícia e em último caso, a depender da gravidade, a Promotoria de Justiça.

Foi nesse contexto que percebi a potência do ensino de Ciências para abordar o tema, pois este componente curricular pode criar espaços de diálogo e reflexão sobre saúde, convivência e respeito às diferenças. Esse papel de mediação se aproxima da proposta freiriana de diálogo, em que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas constrói saberes com os estudantes.

Essa percepção reforça que o papel do professor de Ciências vai além da transmissão de conteúdo: ele se torna mediador de experiências que aproximam conhecimento, vida e valores, contribuindo para a formação integral dos estudantes e para a construção de uma cultura escolar que valoriza a empatia, a solidariedade e o respeito mútuo.

A pesquisa que originou este capítulo, intitulada *Bullying Escolar em Arari: entre o silêncio e a urgência de ação* (Souza et al., 2025), nasceu da inquietação em compreender como a escola tem enfrentado situações de violência e exclusão entre os estudantes. O estudo foi desenvolvido a partir da análise de relatórios do Conselho Tutelar de Arari (MA), que desempenha papel essencial na proteção dos direitos de crianças e adolescentes, e no encaminhamento de denúncias de *bullying* registradas nas escolas do município. Além dos documentos institucionais, foram realizadas entrevistas com professores e gestores escolares, bem como a leitura do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990), que serviu de base legal e ética para a construção da pesquisa.

Meu papel foi de aprender com esses sujeitos - professores e alunos-, registrar suas falas e refletir criticamente sobre como a escola pode ser, ao mesmo tempo, espaço de acolhimento e de invisibilização, quando silencia agressões sofridas pelos alunos dentro da escola. Freire (1987, p. 56-57), em *Pedagogia do Oprimido*, trata do silenciamento como uma forma de poder e dominação, em que o oprimido é privado da capacidade de falar sobre sua própria realidade.

Portanto, a falta de formação continuada e de momentos de diálogo - como palestras nas escolas para esclarecer à comunidade escolar sobre os malefícios causados pelo *bullying* - agrava o silêncio que cerca o tema. No entanto, essa não é uma responsabilidade exclusiva do professor, o enfrentamento do *bullying* exige uma política pública intersetorial, articulando escola, família, Conselho Tutelar, saúde e comunidade. Mais do que ações pontuais, trata-se de um compromisso coletivo, pois o *bullying* não nasce apenas na sala de aula, mas é reflexo das desigualdades e violências presentes na sociedade.

Mesmo diante dessa necessária articulação, permanece o desafio de como o professor de Ciências pode se posicionar dentro dessa rede, contribuindo com práticas que aproximem ciência, saúde e convivência cidadã.

O objetivo deste capítulo é simples, mas urgente: explicar como os professores articulam os conteúdos de Ciências com a promoção da saúde e a prevenção do *bullying*. Falar dessa temática é necessário, porque o *bullying* deixou de ser visto apenas como “brincadeira de criança” e passou a ser reconhecido como uma forma de violência que adoce e exclui. Se a escola é lugar de formação integral, não pode se calar diante dessas dores. É preciso trazer o tema para o currículo, para as formações docentes e, sobretudo, para as práticas pedagógicas que reconhecem cada estudante como sujeito de direitos.

### **Entre escutas, olhares e silêncios: o que descobri na escola**

Entrar na escola como pesquisadora iniciante foi também entrar em um universo de contradições. De um lado, encontrei professores comprometidos, estudantes cheios de sonhos e práticas pedagógicas criativas. De outro, percebi marcas de violência, preconceito e silenciamento que atravessam o cotidiano. A cada escuta dos professores, emergiam narrativas que revelavam o quanto o *bullying* ainda é pouco enfrentado no espaço escolar. A fala de uma professora entrevistada é bastante reveladora. Para ela, “o *bullying* no ambiente escolar se caracteriza como um comportamento intencional, repetitivo e agressivo, envolvendo desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima”. Ela ressalta que muitas vezes os sinais não são evidentes, mas se manifestam em aspectos emocionais e sociais dos alunos, como “isolamento, tristeza, baixa autoestima e dificuldade de confiar nas pessoas”.

A docente também destacou que essa percepção influencia diretamente sua prática pedagógica: “procuro estar atenta aos sinais, priorizo um ambiente de respeito mútuo e valorização das diferenças. Minhas práticas incluem rodas de conversa, projetos sobre cidadania e atividades que promovem (sic) a convivência saudável”. Apesar desse esforço, ela reconhece as dificuldades cotidianas para enfrentar o problema: “intervir em situações de *bullying* não é fácil, envolve muitos desafios e, em grande parte das vezes, ocorre de forma discreta ou disfarçada”, relata a docente.

Ao conversar com os docentes, percebi a dificuldade em integrar saúde e prevenção do *bullying* ao ensino de Ciências. Muitos relatavam que o currículo engessado e a falta de tempo eram barreiras reais. Sobre o professor ser detentor de conhecimento e o aluno ser depósito Freire (1987, p. 39) declara:

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos.

O que Freire (1987) diz é que o professor, na visão da educação bancária, é o detentor de conhecimento, enquanto o aluno é um depósito de conteúdo das narrativas do educador, veja nas palavras de Freire (1987, p. 45) declara:

Não pode haver conhecimento pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador. Não realizam nenhum ato cognoscitivo, uma vez que o objeto que deveria ser posto como incidência de seu ato cognoscente é posse do educador e não mediatizador da reflexão crítica de ambos.

Neste sentido, o estudante se adapta e não tem a criticidade de argumentar a sua aprendizagem, ajustando-se, assim, ao que lhe é oferecido. Ainda na escuta dos professores, uns diziam que não tiveram formação suficiente para lidar com questões emocionais e sociais dos alunos. Ainda assim, quase todos reconheciam que essas temáticas de saúde e prevenção do *bullying* são urgentes e precisam estar presentes nas aulas, não só de Ciências, mas como assunto transdisciplinar, ou seja, em todos os componentes curriculares.

O professor de Ciências, por exemplo, pode aproveitar conteúdos sobre o corpo humano, saúde, hábitos de vida e meio ambiente para promover reflexões sobre *bullying*, mostrando como atitudes de agressão ou exclusão afetam o bem-estar físico e emocional dos estudantes. Ao relacionar conceitos científicos a situações do cotidiano escolar, o docente cria oportunidades para

discutir empatia, respeito e cooperação, integrando aprendizagem conceitual e desenvolvimento socioemocional.

Essa abordagem foi lembrada também por professores entrevistados, que ressaltaram a importância de relacionar corpo e saúde à valorização da diversidade.

A interdisciplinaridade entre o ensino de Ciências e outros componentes curriculares é destacada no Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA) (Maranhão, 2019, p. 368):

No processo de ensino-aprendizagem, as diferentes áreas do conhecimento têm pontos de integração, os quais precisam ser apresentados pelo professor, de forma natural, mediada e articulada para que os estudantes percebam o caráter interdisciplinar dos conteúdos, compreendendo que o mundo é único e que cada mudança nele ocorrida influência de forma muito direta todas as relações que nele existem.

A articulação entre as áreas está presente não só no DCTMA, que é um documento curricular norteador do Estado do Maranhão, mas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é o documento norteador do currículo no território brasileiro. Assim, a BNCC (2017) enfatiza “a importância de promover a saúde e o bem-estar dos estudantes, abordando aspectos relacionados ao corpo e à vida” (Brasil, 2017). Tais abordagens contribuem para a formação integral dos alunos e para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso, alinhando-se aos princípios da educação para a cidadania e a prevenção de comportamentos como o *bullying*.

Esses relatos da prática docente e da vivência escolar dialogam diretamente com a análise documental e os registros do Relatório do Conselho Tutelar de Arari (MA). Ao considerar os objetivos de aprendizagem previstos nos documentos BNCC e DCTMA, o professor deve aproximar os alunos das vivências cotidianas, valorizando saberes locais, práticas culturais, questões ambientais e fenômenos naturais que fazem parte da realidade dos estudantes. Assim, o currículo deixa de ser algo distante e abstrato para se tornar significativo, estimulando a curiosidade científica, o pensamento crítico e a capacidade de relacionar teoria e prática.

Dessa forma, o professor de Ciências desempenha um papel dialógico; de um lado, garante a consolidação dos conhecimentos sistematizados previstos

na BNCC e no DCTMA; do outro, promove a construção coletiva do saber, reconhecendo os estudantes como sujeitos ativos que interpretam, problematizam e ampliam sua compreensão do mundo natural e social.

Esta pesquisa reforça a compreensão sobre o papel pedagógico do professor de Ciências no enfrentamento ao *bullying*, ao enfatizar a perspectiva pedagógica e formativa revelada nas narrativas de professores e estudantes. A aproximação dos relatos demonstra que os registros formais, embora fundamentais para subsidiar políticas públicas e orientar a responsabilização dos agressores, não dão conta sozinhos da complexidade do fenômeno.

É no cotidiano escolar, nas falas silenciadas e nas práticas pedagógicas que o *bullying* adquire significados concretos, impactando diretamente a saúde mental, a autoestima e o processo de aprendizagem dos alunos. A combinação dessas duas abordagens reforça a necessidade de articulação entre políticas públicas e práticas educativas, para que o enfrentamento ao *bullying* seja, de fato, efetivo e transformador (Souza et al, 2025).

## **Quando Paulo Freire entra na sala de aula**

Ao refletir sobre o que vi e ouvi, percebi como o pensamento de Paulo Freire continua atual e necessário. Suas categorias de diálogo, escuta, denúncia e esperança ajudam a compreender o papel do professor diante do *bullying*.

Freire (1987, p. 44) nos lembra que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Isso significa que a educação só faz sentido quando dialoga com a realidade do aluno. O *bullying*, como expressão concreta de violência, precisa ser enfrentado como tema gerador, capaz de mobilizar conteúdos de Ciências, mas também reflexões sobre convivência, saúde e cidadania.

Ao assumir o *bullying* como tema gerador, o professor de Ciências pode transformar uma situação de exclusão em oportunidade pedagógica. Por exemplo, ao discutir casos em que estudantes sofrem preconceito devido à aparência física, é possível articular conteúdos de saúde, corpo humano e genética com debates sobre respeito e empatia. Nesse processo, a sala de aula deixa de ser apenas espaço de transmissão de informações para se tornar lugar de diálogo e construção coletiva de saberes, onde ciência e vida se encontram. Assim, a prática docente contribui para que os estudantes compreendam não só

os fenômenos biológicos, mas também os impactos sociais e emocionais que atravessam suas vidas, fortalecendo a consciência crítica e a formação cidadã.

Os professores, quando inspirados pelo pensamento freiriano, passam a interpretar que o currículo não pode ser neutro, ou ele contribui para a libertação e a humanização, ou reforça a opressão e o silêncio, é o que diz Freire ao afirmar que (1967, p. 39) “é fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”. O combate ao *bullying*, nesse sentido, é também um exercício de cidadania, de defesa dos direitos humanos e de construção de uma escola democrática.

A escuta ativa é outro ensinamento freiriano fundamental. Ouvir os estudantes em sua dor é o primeiro passo para transformar a escola em espaço de acolhimento. Nas palavras de Freire (1996, p. 113), “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele”. Denunciar a violência é um ato ético e político, que rompe com a naturalização das práticas opressoras. E, sobretudo, cultivar a esperança é acreditar que é possível construir uma escola mais justa, mesmo diante de tantos desafios.

Assim, ensinar Ciências à luz de Freire (1967, 1996), significa ensinar sobre corpo, saúde e vida em sua integralidade. É reconhecer que cada conceito científico só tem sentido quando conectado à experiência humana. É lutar contra toda forma de exclusão e afirmar a educação como prática da liberdade.

Para os docentes entrevistados, ensinar Ciências vai muito além da transmissão de conteúdos: trata-se de aproximar a aprendizagem da realidade dos estudantes, promovendo reflexão sobre saúde, corpo, relações interpessoais e cidadania. Eles destacaram que a escuta atenta, a denúncia de práticas violentas e a esperança de transformação são elementos centrais para criar uma sala de aula acolhedora, crítica e ética. Ao adotar essa postura, os professores percebem que os alunos não só internalizam conceitos científicos, mas também desenvolvem empatia, respeito à diversidade e consciência sobre a importância de enfrentar o *bullying*, fortalecendo a educação como prática de inclusão, solidariedade e construção coletiva de valores.

## O que ficou em mim: aprendizados, inquietações e sonhos

Ao concluir esta pesquisa, percebo que minha forma de ver a escola se transformou profundamente. Antes, via o espaço escolar sobretudo como ambiente de transmissão de conteúdos e desenvolvimento cognitivo. Hoje, compreendo que a escola é um território complexo, onde se entrelaçam conhecimentos, emoções, relações sociais e experiências de vida. É um espaço marcado por desafios, desigualdades e silêncios, mas também por resistências, solidariedade e possibilidades de transformação. Cada sala de aula, cada corredor e cada interação carregam significados que vão muito além do conteúdo científico.

Apreendi imensamente com os sujeitos da pesquisa. As vozes, silêncios e olhares que encontrei revelaram a escola como espaço de aprendizagem afetiva e social. Professores e gestores compartilharam suas percepções sobre o *bullying*, a saúde e o ensino de Ciências, mostrando que a prática pedagógica exige sensibilidade, coragem para intervir e compromisso com a formação integral dos estudantes. Compreendi que o ensino de Ciências não se limita a conteúdos e experimentos: ele pode ser um espaço para promover o cuidado com a saúde física e emocional, a empatia e o respeito às diferenças, contribuindo para a prevenção de situações de violência simbólica e *bullying*.

Percebi que a disciplina de Ciências, ao tratar de corpo, saúde e meio ambiente, ocupa um espaço privilegiado para que o professor se torne um verdadeiro mediador entre o conhecimento científico e a experiência dos alunos. Essa mediação não se limita à transmissão de conteúdos, ela envolve diálogo, escuta, denúncia de injustiças e esperança, permitindo que os alunos compreendam sua realidade e desenvolvam consciência sobre sua própria saúde, a diversidade do corpo humano e a importância do respeito ao outro.

De acordo com as ideias de Freire (1992), em *Pedagogia da Esperança*, educar é também manter viva a crença na capacidade humana de resistir e transformar a realidade, mesmo diante das adversidades. Assim, o ensino de Ciências torna-se uma prática de liberdade, em que o professor contribui ativamente para a prevenção do *bullying*, para a inclusão de todos e para a construção de uma cultura escolar baseada na empatia, no cuidado mútuo e na transformação social.

A experiência também me mostrou que a escola pode ser cruel quando silencia as dores e experiências dos estudantes, mas pode se tornar profundamente libertadora quando abre espaço para o diálogo, a escuta ativa e o acolhimento. Essa perspectiva encontra respaldo em Freire (1996, p.113), ao enfatizar que “a prática educativa se constitui no encontro entre sujeitos, na escuta e no respeito mútuo”. Cada relato, cada dificuldade e cada vitória compartilhada pelos professores reforçou que educar envolve mais do que ensinar: é formar cidadãos conscientes, capazes de cuidar de si e dos outros.

Mesmo com tantos aprendizados, permanecem inquietações que me desafiam e estimulam novas reflexões: a) como garantir que legislações como o ECA e a Lei 13.185/2015 (Brasil, 2015) se traduzam em ações efetivas dentro da escola, e não apenas em documentos; b) como oferecer formação continuada adequada, que capacite todos os professores a enfrentar o *bullying* de forma pedagógica, ética e sistemática; c) como construir currículos e práticas que realmente se conectem à vida dos estudantes, tornando o ensino de Ciências um instrumento de promoção da saúde e da convivência respeitosa; d) como o ensino de Ciências pode se articular de modo mais efetivo às legislações?.

Sonho com uma escola em que ensinar Ciências seja também ensinar a viver, conviver e cuidar de si e dos outros. Uma escola em que cada estudante se sinta pertencente, respeitado e livre para ser quem é. Este sonho não é apenas uma expectativa pessoal, mas um compromisso que assumo como pesquisadora, professora em formação e cidadã, além de lutar para que a educação seja transformadora, inclusiva e centrada na vida humana, reconhecendo a dignidade, a diversidade e os direitos de todos. Este sonho, portanto, não é apenas uma aspiração teórica, mas está ancorado também na percepção real dos professores entrevistados, que reconhecem a importância de práticas pedagógicas que promovam a inclusão, o respeito e a valorização da diversidade em sala de aula.

Ao escrever este capítulo, meu objetivo não é apenas relatar uma pesquisa, mas afirmar que tratar de *bullying*, saúde e currículo de Ciências é uma urgência. Em tempos em que a intolerância cresce e a saúde mental dos jovens é cada vez mais afetada, não podemos relegar esses temas a um segundo plano. A escola precisa assumir sua responsabilidade institucional, amparada por legislações como o ECA e a Lei 13.185/2015, e, sobretudo, precisa reconhecer que só há sentido em educar quando se coloca a vida, a dignidade e o respeito ao ser humano como centro do processo. O combate ao *bullying* exige

corresponsabilidade: escola, família e sociedade devem caminhar juntas, pois nenhuma instituição sozinha consegue enfrentar um problema que atravessa dimensões sociais, culturais e emocionais.

## Referências

ARARI, Conselho Tutelar. **Relatório de Casos de *Bullying* do ano de 2024**. Arari, MA, 2025.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 13.185**, de 6 de novembro de 2015 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Brasília, DF., 1990.

BRASIL. **Lei nº 14.811**, de 12 de janeiro de 2024. Dispõe sobre medidas de prevenção e enfrentamento ao *bullying* e violência escolar. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 de jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

**FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação do. **Documento Curricular do Território Maranhense: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. São Luís: SEDUC-MA, 2019.

SOUZA, Vitoria Raquel Pereira de *et al.* *Bullying* Escolar em Arari: entre o silêncio e a urgência da ação. In: **Anais da Jornada Internacional de Educação Pública**. São Luís (MA) Universidade Federal do Maranhão-UFMA, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/joinep25/1069078-bullying-escolar-em-arari--entre-o-silencio-e-a-urgencia-da-acao>. Acesso em: 12 set. 2025.

## **Estudantes como protagonistas: vozes do 6º ao 9º ano sobre saúde e *bullying* nas aulas de Ciências**

Anderson de Jesus Ericeira Fernandes

### **Introdução**

Para escrever este capítulo, sinto necessidade de recapitular como chegamos até aqui: lembro-me bem de uma tarde de dezembro do ano de 2024 quando nós seis, graduandos em Ciências Biológicas Licenciatura, estávamos na disciplina de Metodologia Científica orientada pela nossa professora Vitória Raquel Pereira de Souza (ela que sempre nos motivou a elaborarmos essa pesquisa e por quem eu devo minha eterna gratidão por acreditar em nosso potencial), discutindo qual tema pesquisar.

Durante essa busca, encontramos uma lacuna em um dos artigos localizados no *Google Acadêmico*, que tratava do uso de séries e filmes nas aulas de Ciências para promover o bem-estar e a saúde mental dos estudantes. Essa ausência de abordagens mais amplas sobre o *bullying* nos fez refletir sobre a necessidade de investigar como esse fenômeno afeta o processo de aprendizagem e a motivação dos alunos, especialmente nos anos finais do ensino fundamental. Percebemos que o *bullying* pode sim prejudicar o processo de aprendizado e a motivação dos estudantes e que ainda é um fator muito presente nas salas de aula brasileiras. Dessa forma, diante de tal urgência, ficamos nos perguntando: como os estudantes do ensino fundamental anos finais da cidade de Arari no Maranhão enxergavam e conviviam com o *bullying* em seu ambiente escolar? e como as aulas de Ciências podem ajudar a compreender sobre o problema? E, assim, essa pesquisa nasceu.

Para responder a essas questões, adotamos a entrevista como instrumento metodológico, uma vez que, segundo Minayo (1994), esse recurso é um excelente processo de coleta de dados. E, dessa forma, escolhemos duas escolas situadas na zona urbana como campo de pesquisa, ambas da rede municipal de ensino. Nossa equipe realizou visitas agendadas com as direções para formalizar o convite aos estudantes do Ensino Fundamental/Anos Finais

há participarem desta pesquisa. Sendo que 42 destes se voluntariaram e tiveram a autorização de seus responsáveis. O preenchimento dos questionários ocorreu presencialmente no dia 04 de abril na escola A e 10 de abril na escola B. A amostra foi composta por 71,4% de meninas e 28,6% de meninos, com a faixa de idade variando entre 12 a 15 anos.

## **O que os estudantes compreendem por saúde e *bullying*?**

Ao analisar a amostra, pude entender que os estudantes do Ensino Fundamental/Anos Finais das escolas públicas de Arari, Maranhão, compreendem o fenômeno do *bullying*, reconhecendo sua presença no cotidiano escolar e identificando os comportamentos de quem pratica. Com o objetivo de garantir o anonimato, cada fala dos entrevistados foi identificada por códigos como ‘Estudante 1’, ‘Estudante 2’ etc. em consonância com as normas éticas para pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2012).

O Estudante 1, por exemplo, destacou que quem pratica o *bullying* costuma ser inseguro e busca se sentir superior, enquanto a vítima tende a se isolar e perder a autoestima. Essa visão foi ampliada pelo Estudante 2, que associou o *bullying* a qualquer ação com a intenção de ferir o outro, aproximando-o também do preconceito. Já o Estudante 3 trouxe exemplos mais concretos, como apelidos, brincadeiras de mau gosto e xingamentos com memes, mostrando como essas práticas aparecem de forma recorrente no ambiente escolar.

Diante de tais relatos, Silva e Flaviano (2023) ressaltam a importância de compreender esse fenômeno que não deve ser considerado apenas “brincadeiras” (sic).

É importante compreender que o *bullying* é um problema moral que aflige toda a sociedade. Décadas atrás, aceitavam-se “certas brincadeiras” porque não se entendia a dimensão que isso causaria na vida das pessoas. Muitas discussões sobre moral e respeito foram realizadas desde então, para que a sociedade compreendesse que não se trata de uma brincadeira, mas sim que pode custar a vida das pessoas, uma vez que o *bullying* se apresentou como um fenômeno humano que precisa ser entendido e combatido (Silva; Flaviano, 2023, p.102).

Com tudo isso, ficou evidente que os estudantes já possuem uma compreensão significativa sobre o *bullying*, reconhecendo suas formas de manifestação e impactos negativos, que pode gerar na vida das vítimas.

## **Como avaliam a abordagem dessas temáticas nas aulas de Ciências?**

Com base também no material coletado com os estudantes, é possível enxergar que ainda existe uma lacuna nas aulas de Ciências sobre temas sensíveis, como a saúde mental ou o enfrentamento do *bullying*, a qual 44,4% da amostra afirma que nunca viram essa temática nessa disciplina; 13,3% já assistiram algumas vezes e o restante dos entrevistados confirmam que já presenciaram o assunto em disciplinas diferenciadas com Língua Portuguesa e Ensino Religioso.

Mesmo assim, eles ainda enxergam que há um enorme potencial para ser trabalhado no componente curricular de Ciências, como destacado pela fala do Estudante 4: “sim, as aulas de Ciências podem sim ajudar a entender a saúde mental, pois não fala só sobre o corpo humano, mas também como os seres humanos realmente se sentem”.

Já o Estudante 5 vai além e destaca que essa temática nas aulas de Ciências pode ser um incentivo a um melhor entendimento do fenômeno *bullying*: “sim, porque é muito bom, pois muitas pessoas estão sofrendo em silêncio e, com o incentivo das aulas de Ciências, as pessoas entendem melhor o caso”.

Diante de tais afirmações dos estudantes, concordamos com Almeida e Cechin (2024) ao destacarem a importância de ser debatido nas escolas sobre o fenômeno *bullying*:

Trabalhar o *bullying* na escola é uma responsabilidade de todos os educadores. Não se trata apenas de combater comportamentos inadequados, mas de transformar a cultura escolar para que as crianças possam crescer em um ambiente em que a diversidade seja respeitada e todas se sintam incluídas (Almeida; Cechin, 2024, p.2).

Portanto, pode-se perceber que o componente curricular de Ciências pode possuir um papel estratégico no enfrentamento de questões que

ultrapassam os conteúdos tradicionais, possibilitando reflexões sobre a saúde em suas múltiplas dimensões, cidadania, cultura e a prevenção do *bullying*. Os próprios alunos em suas falas mencionam que essa disciplina há um potencial enorme de ser trabalhado e ao abrir esse espaço, a escola não apenas amplia o olhar científico dos estudantes, mas também contribui para a formação cidadã.

## **Que sugestões os estudantes oferecem para melhorar a abordagem dos temas?**

Os estudantes mencionam a importância em haver mais divulgações e trabalhos pedagógicos sobre a temática *bullying* no ambiente escolar, ressaltando, em ações educativas, que envolvam toda a comunidade para promover um melhor entendimento sobre o combate a esse fenômeno social e a inclusão daqueles que já sofreram tal agressão, como é levantado pela fala do Estudante 6: “deveria fazer mais palestras, deveria colocar cartazes pela escola, evitar de ficar fazendo brincadeiras de mau gosto”.

Já o Estudante 7 percebe que, com o auxílio de profissionais da saúde, pode haver um melhor entendimento sobre o tema em questão através de palestras e rodas de conversa para que esse assunto nunca seja esquecido, criando dessa maneira um melhor convívio no ambiente escolar: “na minha opinião, o que poderia ser feito para que os temas do *bullying* seja mais eficiente nas escolas é: colocar psicólogos nas escolas, mais palestras, trabalhar sobre o assunto em todas as disciplinas para que o assunto nunca seja esquecido”.

O Estudante 8 acredita que, com o auxílio de aulas lúdicas com essa temática frequentemente na sala, esse fenômeno possa ser mais combatido: “eu acho que deveria ser feito algum tipo de brincadeira ou explicações toda semana na escola sobre como lidar com o *bullying*”. Já o Estudante 9, por sua vez, indica que deveria ter um melhor controle por parte da gestão escolar sobre os episódios frequentes: “poderia ter mais controle, aqui na escola o *bullying* acontece muito em quase todas as salas, o *bullying* aqui na escola é muito frequente, o diretor teria que ter mais controle sobre o assunto”.

Todas essas falas e opiniões dos estudantes alertam para urgência de ações que visem combater o *bullying* de uma forma socioeducativa. Piantino *et. al.* (2018) valida a importância de promover tais iniciativas para haver um ambiente escolar mais saudável:

Ações voltadas à promoção da saúde e práticas de vida saudáveis podem ser beneficiadas pelo processo de educação em saúde, onde se oportuniza o compartilhamento de saberes dos mais variados possíveis na busca de soluções das mais diversas problemáticas (Piantino *et. al.*, 2018, p.108).

Assim, observa-se que os estudantes reconhecem a necessidade de um esforço coletivo envolvendo gestores, professores, profissionais da saúde e toda a comunidade escolar na construção de estratégias eficazes de enfrentamento desse fenômeno social. Suas sugestões evidenciam a importância de ações contínuas, diversificadas e integradas ao currículo, que abarquem desde palestras e atividades lúdicas até o fortalecimento da gestão escolar no monitoramento dos casos. As falas também apresentam que esse enfrentamento não depende apenas da escola, mas também da família e de políticas públicas, uma vez que a rede de proteção precisa estar envolvidas para que as propostas dos estudantes tenham condições reais de se efetivarem.

## **Como a escuta dos estudantes pode contribuir para uma prática pedagógica mais freiriana?**

A escuta dos estudantes é um elemento fundamental para uma prática pautada na perspectiva freiriana. Freire (1996) nos fala que a escuta só é possível quando respeitamos e aceitamos as diferenças:

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, destratável ou desprezível (Freire, 1996, p. 62).

Com isso, nós educadores devemos ensinar e respeitar os nossos estudantes, mostrando que o respeito às diferenças é um valor essencial para uma boa convivência em sociedade. Ao promovermos esse ensino,

contribuímos diretamente para o enfrentamento do *bullying*, uma vez que atitudes discriminatórias nascem simplesmente pela falta de reconhecimento do outro. Trabalhar sobre o respeito em sala de aula significa criar pontes de diálogo e reflexão que fortalecem a empatia e a solidariedade, ajudando-os a entender que todos merecem ser ouvidos e valorizados.

Freire (1987) também nos lembra que: “é preciso que o *eu* oprimido rompa esta quase ‘aderência’ ao *tu* opressor, dele ‘afastando-se’, para objetivá-lo, somente quando se reconhece criticamente em contradição com aquele”. Essa reflexão pode ser compreendida no contexto do *bullying*, uma vez que os estudantes que são vítimas dessa prática, muitas vezes, infelizmente, guardam para si a opressão e passam a acreditar nos rótulos e ofensas que são lhe direcionados.

Nesse sentido, a pedagogia freireana propõe que a vítima, ao tomar consciência de tal opressão e desrespeito, possa desvincular-se da visão imposta pelo agressor e, assim, reafirmar sua identidade e integridade. Cabe, então, ao educador criar espaços de diálogo e acolhimento, possibilitando que os estudantes se fortaleçam e rompam com a lógica de submissão, transformando o ambiente escolar em um espaço de respeito. Mais do que ouvintes, os estudantes devem ser reconhecidos como protagonistas: suas falas, experiências e percepções precisam orientar projetos pedagógicos, especialmente no ensino de Ciências, tornando o processo formativo mais significativo e enraizado em sua realidade.

## **O que ficou em mim: aprendizados, inquietações e sonhos**

Após presenciar e ouvir todas as falas dos estudantes nas duas escolas do município, pude perceber que os nossos alunos têm conhecimento sobre o fenômeno *bullying* que sempre está presente no seu cotidiano escolar, talvez promovido pela divulgação desse assunto nas mídias sociais ou em eventos que eles participaram.

No meu ponto de vista, há sim uma carência muito grande de aulas com temáticas relacionadas à saúde mental e ao enfrentamento do *bullying* no currículo escolar, em especial na disciplina de Ciências, que poderia ser mais bem valorizada. Para isso, é fundamental investir não apenas em formações específicas para professores, mas também em ações conjuntas que envolvam a divulgação de cartazes informativos, a realização de palestras e seminários, bem

como a ampliação de parcerias com profissionais da saúde, da assistência social, famílias e comunidade. Dessa forma, cria-se uma rede de corresponsabilidade capaz de fortalecer o trabalho pedagógico e garantir que essas temáticas sejam abordadas de maneira contínua, propositiva e consequente.

Participar dessa pesquisa foi muito importante para mim. Mesmo tendo sido aluno de escola pública durante toda a minha vida e tendo presenciado casos de *bullying* na minha fase estudantil, pude compreender melhor o entendimento de um aluno do Ensino Fundamental/Anos Finais. Essa experiência me fez perceber que, embora o *bullying* ainda esteja presente, cada estudante possui formas diferentes de reagir e de se expressar diante dessa situação. Além disso, a pesquisa abriu portas para que pudéssemos divulgá-la em eventos científicos, como o XI Congresso Nacional de Educação (CONEDU) e a Jornada Internacional de Educação Pública (JOINEP 2025), contribuindo para dar visibilidade ao combate desse fenômeno social.

E, ao concluir, percebo que o *bullying* não deve ser compreendido como doença, mas como expressão de um problema social e cultural. Por isso, o enfrentamento precisa ir além de iniciativas pontuais na escola: envolve também famílias, políticas públicas e toda a comunidade. Ferreira *et. al.* (2025), lembra-nos sobre a importância da participação destes para uma boa atuação de prevenção contra esse fenômeno social.

Diante desse cenário, é essencial que escolas, famílias e a sociedade como um todo atuem de forma preventiva, promovendo a conscientização, o respeito mútuo e o acolhimento para combater essa prática e garantir um ambiente mais seguro e saudável para todos (Ferreira *et. al.*, 2025, p. 3).

A escola é um espaço estratégico de transformação, mas não pode estar sozinha nessa tarefa. Combater o *bullying* é uma ação contínua e compartilhada interinstitucionalmente, que precisa começar agora e se fortalecer a cada geração.

## Referências

ALMEIDA, Maycon Hryniewicz de; CECHIN, Marizete Righi. **Sensibilização ao tema *bullying***: o patinho feio em foco. Ponta Grossa, 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt>- Acesso em: 25 de agosto de 2025.

FERREIRA, Aline Morais; FERNANDES, Anderson de Jesus Ericeira; SOARES, Liciene Antônia Souza; SOUZA, Vitória Raquel Pereira de; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. *Bullying* e saúde mental na escola: percepção docente e as práticas pedagógicas de prevenção. In. **XI Congresso Nacional de Educação**, Olinda, PE, 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MINAYO, M. C. S. *et al.* **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

PIANTINO, Camila Belfort; VANIN, Ana Carolina; VIEIRA, Marina; SOUZA, Denner Henrique Isaias. Propostas de ações educativas no ambiente escolar como prática de promoção da saúde. **Ciência ET Praxis**, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 107–110, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/praxys/article/view/3913>. Acesso em: 14 set. 2025.

SILVA, Mickaelly Bezerra da; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes. O *bullying* no contexto escolar. **Mediação**, Pires do Rio-GO, v. 18, n. 1, p. 94-117, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/14482>. Acesso em: 25 de agosto de 2025.

## Narrativas estudantis sobre *bullying* e saúde: reflexões para uma prática crítica e libertadora

Aline Morais Ferreira

### Introdução

Escolhi escrever sobre o *bullying*<sup>1</sup> porque este é um tipo de violência que vem crescendo no ambiente escolar e precisa de uma atenção especial, tanto para compreender o motivo da sua ocorrência, quanto para combatê-la.

O tema despertou em mim o desejo de compreender melhor a dinâmica de como ocorre o *bullying*, qual o papel do(a) professor(a) e da escola no seu enfrentamento, buscando investigar formas de contribuir para a sua sensibilização, prevenção e combate. E, também, porque entendo a importância desse estudo para o âmbito acadêmico e para a sociedade.

O *bullying* ocorre principalmente no ambiente escolar e provoca diversas consequências para a vida dos estudantes, refletindo-se diretamente no ensino e na aprendizagem. Por este motivo, fez-se necessário aprofundar os estudos sobre essa temática, buscando compreender o que os estudantes entendem como *bullying*, quais tipos de agressões presenciam e vivenciam na escola, como se sentem com tais práticas e como a escola age diante desse fenômeno, a fim de encontrar estratégias para combatê-lo, diminuindo, assim, a violência nas escolas, promovendo uma cultura de paz e respeito no ambiente escolar.

A pesquisa<sup>2</sup> teve início com a participação de seis discentes, que selecionaram o tema de forma democrática. A princípio, para o projeto de

---

1 Durante a minha vivência na disciplina de Metodologia Científica do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) – Programa Ensinar – Formação de Professores do polo de Arari, Maranhão, desenvolvi um grande interesse em pesquisar sobre “A inserção de temas de saúde e o enfrentamento do *bullying* no currículo escolar: o papel do professor de Ciências no Ensino Fundamental - Anos Finais”.

2 O estudo atendeu todas as diretrizes da Resolução n.º 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) sob registro n.º 89438325.8.0000.5554.

pesquisa, fizemos a escolha dos artigos na plataforma *Google Acadêmico*, que foram nossa fonte de pesquisa bibliográfica. Posteriormente, decidimos formar um grupo de estudo e continuar com as pesquisas sobre *bullying*, saúde, currículo e o papel do professor e da professora de Ciências no enfrentamento à intimidação sistemática *bullying* no ambiente escolar, bem como analisar as implicações dessa violência para a vida dos estudantes.

Para isso, realizamos um estudo de natureza quali quantitativo, que foi desenvolvido em duas instituições da rede pública de ensino do município de Arari, Maranhão, com 42 estudantes de 12 a 15 anos de idade, em séries escolares do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental/Anos Finais, os quais participaram das entrevistas após autorização da gestão escolar e do consentimento dos pais e/ou responsáveis, mediante assinatura nos termos de assentimento, contendo detalhadamente todas as informações referente à pesquisa.

Os estudantes responderem 8 perguntas semiestruturadas sobre o tema, entre as quais 3 eram objetivas e 5 eram discursivas. A pesquisa foi realizada nos meses de março e abril do ano de 2025 com o objetivo de identificar a ocorrência do *bullying* no contexto escolar e, de que modo, suas manifestações e implicações são percebidas entre os estudantes, assim como suas percepções em relação às estratégias adotadas pela escola. Como forma de garantir o sigilo e anonimato dos estudantes e das escolas, estes serão identificados por códigos como, (Estudante 1, etc.), seguido da representação das escolas (Escola A e Escola B).

Para a realização da pesquisa de campo, dividimo-nos em trios, e realizei, juntamente com dois colegas, as entrevistas com alguns estudantes e professores em umas das escolas selecionadas para o estudo, enquanto o outro trio aplicava as entrevistas em outra escola.

A pesquisa de campo foi um momento importante, uma vez que me permitiu contato com o meu objeto de estudo, tornando-se uma experiência única e enriquecedora, que possibilitou a construção de novos conhecimentos. Nesse contexto, infere-se que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto” (Piana, 2009, p. 168).

E, por meio desse contato, “[...] não continuamos as mesmas, os mesmos. A mutabilidade ronda-nos, forma, transforma, habilita e nos constitui no processo humano complexo, instável e cambiante” (Sá-Silva, 2025, p. 16-

17). Desse modo, entende-se que o conhecimento é construído e transformado por meio das interações entre os sujeitos, ou seja, por meio de uma troca viva e contínua de vivências e experiências que a pesquisa possibilita.

Acredito que o conhecimento é a base da transformação social, portanto, mais importante que adquiri-lo é poder compartilhá-lo diante da urgência de dar voz às vítimas e de combater esse tipo de violência, que muitas vezes ocorre de forma silenciosa, afetando o desenvolvimento psicossocial, emocional e o processo de ensino e aprendizagem.

### **Quando o silêncio fala mais do que mil palavras**

Ela sabia exatamente a hora que começariam a rir, que começariam a zombar e a falar palavras maldosas a seu respeito, pois sofria recorrentes situações de *bullying*, e o simples fato de passar perto dos colegas da escola era motivo de “chacota”; seu silêncio era gritante, mesmo assim não conseguia falar e ninguém entendia o motivo da sua tristeza. Era assim que a Estudante 3, Escola A, sentia-se quando recebia apelidos maldosos em relação a sua aparência.

Isso demonstra como o *bullying* afeta a vida de sua vítima de maneira cruel e é capaz de gerar consequências emocionais silenciosas, muitas vezes imperceptíveis, como medo, sofrimento emocional constante, ansiedade, baixa autoestima, isolamento social, falta de concentração e, no campo pedagógico, até mesmo evasão escolar, uma vez que essa violência afeta todas as dimensões socioemocionais, dificultando a vida estudantil.

O *bullying* é capaz de deixar marcas profundas na vida de quem o sofre, e adotar estratégias que combatam esse fenômeno é dever de todos, principalmente da escola. Todavia, quando a escola não trata e resolve a situação, ela deixa de ser um lugar seguro e atrativo, passando a ser um lugar de dor e sofrimento. Em consonância com essa perspectiva, os autores Ferreira; Oliveira Junior; Higarashi, (2024, p. 9) afirmam que “a indiferença de instituições que deveriam ser protetoras, como a escola, faz com que as vítimas se sintam inseguras, coagidas e envergonhadas em denunciar, maximizando o *bullying*”.

A escola é o espaço onde acontece a maior incidência dos casos de *bullying* praticado principalmente por crianças e adolescentes entre 12 e 15 anos de idade contra outros da mesma faixa etária ou em uma idade inferior. Essa

prática ocorre em um contexto de desigualdade de poder entre os envolvidos, com a finalidade de causar constrangimento, medo e sofrimento à vítima, fortalecendo o sentimento de superioridade, aumentando, dessa forma, a sua ocorrência. Desse modo, Freire (1987, p. 25) compreende que “instaurada uma situação de violência, de opressão, ela gera toda uma forma de ser e comportar-se nos que estão envolvidos nela.”

A escola tem se constituído como um espaço onde ocorrem múltiplas formas de violência. Seus partícipes vivenciam, de maneiras distintas, práticas subversivas que provocam marcas e sequelas em suas vidas como constrangimento, exposições vexatórias, ameaças, provocações, intimidações e violência física e psicológica. Essas podem ser traduzidas, em outros termos, como *bullying* (Ferreira; Oliveira Junior; Higarashi, 2024, p. 2).

Dentre outras formas, o *bullying* ocorre por meio de agressões físicas ou verbais, intencionais e repetitivas, sem uma causa aparente, que afeta diretamente a saúde física, psicológica e social das vítimas, é um fenômeno complexo e multifacetado, recorrente no ambiente escolar.

## O que os estudantes compreendem por *bullying*?

Ao analisar as falas coletadas, identifiquei as percepções dos estudantes sobre o *bullying* e que eles conseguem perceber os comportamentos que caracterizam esse fenômeno. O Estudante 3, Escola A, destacou que o *bullying* acontece por meio de atos de violência física e verbal, com apelidos e piadas maldosas sobre a aparência. Esse pensamento foi reforçado pelo Estudante 10, Escola A, que associou o *bullying* a xingamentos, além disso, disse que ele pode acontecer por meio de agressões psicológicas. Já o Estudante 11, Escola A, disse que o *bullying* acontece por meio de insultos pessoais e expressões preconceituosas como apelidos pejorativos, como “chamar a pessoa de macaco, de gorila”, e o Estudante 8, Escola A, disse que zombar e excluir também são comportamentos característicos do *bullying*. De acordo com o Estudante 5, Escola B, esses atos são praticados por pessoas que se sentem inseguras e praticam o *bullying* para se sentirem superior.

O *bullying* representa uma série de violências, incluindo ataques físicos e psicológicos como intimidações, humilhações, discriminações, insultos pessoais, expressões preconceituosas, isolamento social consciente e premeditado, comentários sistemáticos e apelidos pejorativos (Brasil, 2015).

Muitas são as atitudes que podem ser consideradas *bullying*, como podemos mencionar: chacotear, ridicularizar, xingar, humilhar, colocar apelidos, perseguir, inventar mentiras, ameaçar, amedrontar, torturar física ou psicologicamente, espalhar boatos de modo verbal ou por meio da internet (*ciberbullying*) etc (Nascimento *et al*, 2015, p. 203).

Por meio desse estudo, foi possível identificar que a violência no contexto escolar vai além de agressões físicas e sua ocorrência se dá principalmente de forma verbal, ocorrendo por meio de apelidos e palavras ofensivas como indicado a seguir: “[...] me chamaram de apelidos.” Estudante 1, Escola A. “[...] as pessoas me apelidaram por ser alta.” Estudante 2, Escola A, “[...] já sofri e presenciei. Já recebi diversos apelidos maldosos em relação a minha aparência. Principalmente em relação ao corpo (apelidos gordofóbicos). Já presenciei *bullying* parecido com colegas. Envolvendo a gordofobia, muitos apelidos. Já falaram sobre o nome de um colega, o apelidando por conta de seu nome.” Estudante 3, Escola A, “[...] uma pessoa sofreu muito *bullying* por ter uma aparência fora do comum.” “[...] chamaram meu amigo de porquinho, rolha de poço e mais outros nomes.” Estudante 4, Escola A, “[...] ficaram me apelidando de algumas coisas não muito boa (sic) e criticando.” Estudante 5, Escola A, “[...] apelidaram uma pessoa por conta da cor dela.” Estudante 7, Escola A.

Esses relatos nos mostram que além do *bullying* acontecer com frequente recorrência no ambiente escolar, ele possui diversas faces e, dentro desse contexto, manifestou-se predominantemente como agressão verbal, como destaca Brasil (2015), caracterizando-se com insultos, xingamentos e apelidos pejorativos. Como esse tipo de violência acontece de forma silenciosa, ela não deixa marcas visíveis e, muitas vezes, passa despercebida dentro do ambiente escolar, dificultando seu entendimento e sua identificação.

Dessa forma, o *bullying* deixa marcas e sequelas emocionais profundas, afetando a autoestima das vítimas, causando sofrimento, tristeza e insegurança,

além de provocar isolamento social e prejuízos em seu desenvolvimento e desempenho escolar, comprometendo diretamente a aprendizagem e o bem-estar de modo geral. Nesse sentido, pode desencadear quadros de ansiedade, dificuldades de socialização, queda na participação em atividades escolares e enfraquecimento dos vínculos interpessoais, impactando significativamente a formação integral do estudante.

Se a escola não trata o *bullying* como um problema delicado, ele vai naturalizando-se e criando raízes difíceis de serem cortadas, assim essa violência oculta torna-se rotineira e passa a fazer parte do dia a dia do estudante, afetando sua capacidade de concentração, assimilação de conteúdo, comprometendo todo o processo de ensino e aprendizagem.

### **Como avaliam as estratégias da escola para enfrentar o *bullying*?**

Com base nos dados coletados durante a pesquisa, foi possível identificar que 48,9% dos estudantes sentem-se relativamente seguros em relação às estratégias adotadas pela escola, pois ainda ocorrem casos de *bullying*; 26,7% sentem-se inseguros, pois o *bullying* acontece com frequência; 22,2% sentem-se seguros, pois há medidas eficazes para combater o *bullying*, enquanto 2,2% sentem-se muito inseguros, pois não há ações suficientes para prevenir o *bullying*. De acordo com esses dados, percebe-se que a quantidade de estudantes que se sentem relativamente seguros e inseguros são maiores do que os que se sentem seguros em relação às estratégias adotadas pela escola. Esses números também confirmam o que o Estudante 9, Escola A, disse: “[...] na escola, o *bullying* acontece muito em quase todas as salas, o *bullying* aqui na escola é muito frequente [...]”. A frequência dos casos de *bullying* faz crescer entre os estudantes o sentimento de medo e insegurança, fazendo com que eles não se sintam protegidos.

Quando a escola não consegue identificar situações de violência dentro do seu espaço e não adota medidas e estratégias eficazes para combater o *bullying*, este se perpetua e gera exclusão e afastamento entre os colegas, além de ser um fator que impede os estudantes de desenvolverem todas as suas habilidades e potencialidades.

Como o *bullying* é um problema constante e permanente no ambiente escolar, é necessário adotar com urgência medidas eficazes para o seu

enfrentamento, uma vez que este está acontecendo até mesmo dentro da sala de aula, assim como é possível identificar nas falas a seguir: “[...] eu já sofri *bullying*, principalmente na sala de aula com o professor presente na sala.” Estudante 6, Escola A: “[...] já presenciei na sala de aula como piadas maldosas sobre aparência, o nível escolar (notas, respostas erradas) e condição financeira.” Estudante 8, Escola A: “[...] na minha sala uma pessoa já sofreu *bullying*” Estudante 1, Escola B: “[...] na minha sala as pessoas usam palavras ofensivas como brincadeiras.” Estudante 2, Escola B: “[...] a professora de Matemática foi perguntar para a menina quanto era  $6 \times 7$ , a menina disse, professora, eu não sei e todo mundo começou a rir.” Estudante 3, Escola B: “quando a pessoa foi apresentar um trabalho de Ciências, riram por causa da sua leitura.” Estudante 4, Escola B.

Diante dessa realidade, é necessário fazer os seguintes questionamentos: a escola não vê? O professor não vê? A professora não vê? O que falta na escola para que se fale frequentemente sobre o *bullying* e as consequências que ele causa?

## **A perspectiva freiriana sobre o enfrentamento do *bullying***

Segundo Freire (1987), é na problematização autêntica, reflexiva e crítica que se toma consciência da realidade, a fim de possibilitar que a escola como o espaço mais importante para a formação do indivíduo repense a sua prática e inclua temas atuais no currículo, como o enfrentamento do *bullying*, uma vez que ela é um espaço essencial para formação de valores, para o convívio em sociedade e para transformação social.

De acordo com Brasil (2023, p. 93), a escola “[...] não se limita a ensinar conteúdos acadêmicos. Educar implica construir pensamento crítico e condutas cidadãs, pautadas nos direitos humanos e no respeito”. Desse modo, para além da aprendizagem acadêmica, ela deve focar no bem-estar emocional, social e físico dos estudantes, pois esses fatores são fundamentais para que estes possam desenvolver suas potencialidades e o respeito à diversidade.

Isso só será possível se a escola adotar metodologias eficazes, promovendo uma aprendizagem significativa, criativa, reflexiva e crítica aos estudantes, criando espaços para a escuta e para o diálogo, uma vez que estes

são exigências existenciais e indispensáveis para debater sobre os problemas que perpassam pelo âmbito escolar, com objetivo de promover um espaço escolar saudável, seguro e acolhedor.

De acordo com Freire (1967, p. 5), “[...] todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando.” É por meio de uma educação problematizadora que se desenvolve um pensamento crítico, a fim de compreender e transformar a realidade que se vive. Ainda, segundo Freire (1967, p. 4), é por meio de “uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos”.

Além disso, entendo que, para o enfrentamento e o combate ao *bullying*, é necessário que haja uma ação conjunta entre políticas públicas, escola, família e comunidade, visto que, para ter resultados efetivos, esse trabalho deve ser realizado de forma intersetorial, com a colaboração, articulação e envolvimento de todos.

De acordo com essa perspectiva, a legislação brasileira, Lei Federal nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024, salienta que o Poder Público deve criar, em regime de colaboração com os setores de segurança pública, saúde e educação, medidas de proteção contra qualquer prática de violência no âmbito escolar (Brasil, 2024).

Nesse contexto, cabe destacar que o professor e a professora de Ciências, em sua prática cotidiana, pode ser um elo importante dessa rede, ao incentivar o pensamento crítico reflexivo e articular conteúdos científicos com valores de cidadania e respeito. O ensino de Ciências pode ser uma ferramenta poderosa para desconstruir preconceitos e promover aceitação às diferenças. Ainda, dentro dessa rede de corresponsabilidade, ressalto a importância da participação da família, primeiro espaço de convivência e de aprendizado de valores fundamentais, como empatia e o respeito à individualidade de cada pessoa e à diversidade.

## **O que ficou em mim: aprendizados e inquietações**

Ficou em mim a inquietação de que a escola não deve atuar sozinha, porque o *bullying* é um problema estrutural e exige corresponsabilidade de

todos para o seu enfrentamento. É essencial que haja implementação de políticas públicas efetivas e eficazes, além disso é importante promover ações que envolvam a participação da família, da escola e da comunidade para atuar de forma preventiva no enfrentamento desse fenômeno, por meio da sensibilização e da promoção do respeito mútuo para combater atos de violência e garantir um ambiente seguro.

Acredito no poder de transformação que a educação tem e, para a escola cumprir seu papel social e educativo, é necessário que ela repense constantemente a sua prática e atue como um agente de mudança, configurando-se como um espaço precípuo de escuta e diálogo para alcançar os seus objetivos de promover a aprendizagem, a transformação e a emancipação social. Desse modo, permita aos seus partícipes refletirem sobre suas ações e práticas, inclusive relacionadas ao *bullying*, debatendo sobre a temática, implementando medidas eficazes para atuar no enfrentamento desse fenômeno, trabalhando a empatia e o respeito às diferenças para promover uma convivência pacífica dentro do ambiente escolar, uma vez que esses fatores se refletirão na vida social, fora dos muros da escola.

## Referências

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 13.185**, de 6 de novembro de 2015 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Brasília, DF:, 2015.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 14.643**, de 2 de agosto de 2023 que autoriza o Poder Executivo a implantar serviço de monitoramento e ocorrências de violência escolar. Brasília, DF:, 2023.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 14.811**, de 12 de janeiro de 2024 que institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares. Brasília, DF:, 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERREIRA, Diego Raone; OLIVEIRA JUNIOR, Isaias Batista de; HIGARASHI, Ieda Harumi. “Eu não sei como eu tenho força pra vir na escola”: manifestações e implicações do *bullying* entre adolescentes escolares. **Saúde e Sociedade**, v. 33, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024220692pt>. Acesso em: 19 de ago. 2025.

NASCIMENTO, Kathia Cilene *et al.* o *Bullying* na Escola e Suas Implicações no Processo de Ensino-Aprendizagem. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-Sergipe**, p. 199-212, 2015.

PIANA, Maria Cristina. **A pesquisa de campo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-06.pdf>. Acesso em: 25 de ago. 2025.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie. Crítica pós-estruturalista em pesquisas qualitativas no campo da Educação: da desconstrução à reconstrução de objetos cambiantes. In: SÁ-SILVA, Jackson Ronie (org). **Conceitos em Pesquisa Qualitativa no Campo da Educação**, São Leopoldo, Ed. Oikos, 2025.

## **Violência simbólica e resistência: uma análise crítica das percepções dos estudantes sobre o *bullying***

Liciene Antônia Souza Soares

### **Entre inquietações e escolhas**

Escolhi escrever sobre *bullying*, pois, desde a minha vivência na escola pública, presenciei situações de exclusão e silêncio que me marcaram. Quando surgiu a oportunidade da pesquisa, aceitei a tarefa de escutar atentamente os estudantes: o que eles entendem por *bullying*, como reagem e de que formas resistem, com o objetivo de discutir as percepções dos alunos sobre a violência simbólica e suas estratégias de resistência, mostrando que tratar desse tema é urgente para a formação cidadã e para o fortalecimento da escola como espaço de liberdade.

Segundo o relato de um estudante participante da pesquisa, *bullying* é ‘uma palavra bastante ofensiva, a qual leva a pessoa a se isolar, não conversar com ninguém, ter baixa autoestima’. Ele mencionou também que já sofreu esse tipo de preconceito e que ‘não foi muito legal’.

O *bullying* é um fenômeno cada vez mais presente na sociedade, principalmente em ambientes escolares. Ele se caracteriza por atitudes de violência física, verbal, psicológica e até mesmo virtual, que acontecem de forma repetitiva e intencional, causando dor, sofrimento, e exclusão à vítima. Entre as consequências do *bullying* estão a queda no rendimento escolar, a baixa autoestima, a ansiedade, a depressão e, em alguns casos, o isolamento social. Trata-se, portanto, de uma prática que atinge não apenas quem sofre, mas também quem pratica e o próprio ambiente educativo, prejudicando a construção de um espaço saudável de convivência.

### **Entre escutas e silêncios: o que percebi nas falas estudantis**

Ao refletir sobre o tema, é possível estabelecer uma relação entre as ideias de Freire (1967), um dos maiores pensadores da educação brasileira, e

a necessidade de combater o *bullying* nas escolas. Embora não tenha escrito diretamente sobre o *bullying*, seus princípios ajudam a compreender por que essa prática deve ser combatida. Para Freire (1967), a escola deve ser um espaço de diálogo, respeito e acolhimento, no qual cada estudante se reconhece como sujeito de direitos e deveres. O *bullying*, por outro lado, reforça relações de poder e opressão, desumanizando tanto vítima quanto o agressor.

Segundo a perspectiva freiriana, a educação deve ser libertadora, pautada na amorosidade e no reconhecimento da dignidade de cada ser humano. O convívio escolar, portanto, precisa se basear na solidariedade e no respeito às diferenças, favorecendo a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Nesse sentido, Freire (1967) condenaria o *bullying*, pois este vai contra a essência da educação transformadora: formar cidadãos críticos, conscientes e capazes de lutar contra qualquer forma de opressão.

Freire (1967) sempre destacou a importância da amorosidade no processo educativo. Amorosidade não no sentido de um sentimento superficial, mas como um compromisso profundo de respeito, cuidado e reconhecimento da humanidade do outro. Essa amorosidade é essencial para enfrentar o *bullying*, pois cria condições para que a escola seja um espaço de acolhimento, onde as diferenças não gerem exclusão, mas sim aprendizado coletivo.

É fundamental destacar que, na visão de Freire (1967), a educação deve ir além dos muros da escola. O combate ao *bullying* também envolve a participação da família, da comunidade e da sociedade como um todo. A escola, ao assumir um papel crítico e transformador, pode contribuir para a formação de cidadãos que rejeitem a violência, a opressão e qualquer forma de discriminação. Assim, educar contra o *bullying* é educar para a liberdade, para a justiça e para a democracia.

Para que o *bullying* seja combatido, não basta agir apenas depois que ele acontece. É fundamental investir na preservação, criando ambientes escolares mais saudáveis e acolhedores. Uma das formas mais eficazes de prevenir é trabalhar desde cedo valores como respeito, empatia e solidariedade. Atividades em grupos, projetos de convivência e práticas esportivas ajudam a fortalecer o sentimento de união entre os estudantes.

Outro ponto essencial é a formação de professores. Professores e funcionários precisam estar preparados para identificar situações de *bullying* e saber como agir diante delas. Muitas vezes, as agressões não acontecem de

forma explícita, mas de maneira silenciosa, por meio de exclusão, apelidos pejorativos e intimidações veladas. Ter sensibilidade para perceber esses sinais é um passo para interromper o ciclo de violência.

## ***Bullying*, cultura e corresponsabilidade social**

Nos últimos anos, o avanço da internet trouxe uma nova dimensão ao *bullying*: o *cyberbullying*. As agressões que antes se limitavam ao ambiente escolar agora podem se estender para o espaço virtual, atingindo as vítimas a qualquer hora do dia. Mensagens ofensivas, boatos, exposições de imagens e comentários maldosos nas redes sociais ampliam o sofrimento e dificultam ainda mais a proteção

Esse cenário exige atenção redobrada de pais, professores e até mesmo das próprias plataformas digitais. É necessário orientar crianças e adolescentes sobre o uso consciente da internet, destacando os riscos do mau uso e a importância de denunciar práticas de violência on-line. Ao mesmo tempo, deve-se reforçar o lado positivo da tecnologia, que pode ser usada como ferramenta de inclusão, aprendizado e solidariedade

Para enfrentar esse problema, legislações específicas foram criadas. No Brasil, destaca-se a Lei 13.185/2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), reconhecendo a necessidade de prevenção e combate a essas práticas em todos os espaços educacionais (Brasil, 2015).

Enfrentar o *bullying* é, acima de tudo, um desafio coletivo. Mais do que punir comportamentos agressivos, é preciso transformar a forma como as pessoas se relacionam. Promover cultura de paz significa incentivar atitudes de respeito, diálogo e cooperação em todos os espaços: na escola, na família e na comunidade.

Essa cultura só se consolida quando cada indivíduo compreende que suas ações têm impacto sobre o outro. O estudante que acolhe um colega novo, que respeita as diferenças e que se coloca contra atitudes de violências contribui para um ambiente mais justo e humano. Da mesma forma, escolas que valorizam escuta, que incentivam a participação dos alunos nas decisões e que abrem espaço para a diversidade estão construindo bases sólidas para uma convivência sem opressões.

O *bullying*, seja em sua forma presencial seja em sua forma virtual, é um fenômeno que ultrapassa os muros das escolas e dialoga diretamente com a forma como a sociedade lida com as diferenças. Mais do que uma violência individualizada, ele se revela como um problema coletivo, pois carrega marcas culturais, sociais e educacionais que se refletem no cotidiano das crianças, adolescentes e até mesmo adultos.

De acordo com as pesquisas recentes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2019) e da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024), milhões de estudantes em todo o mundo afirmam já terem sofrido *bullying* durante sua trajetória escolar. Os impactos não se limitam aos momentos imediatos da agressão: o sofrimento psicológico, a queda no rendimento escolar, a evasão e até problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, estão diretamente ligados a essas experiências.

Outro marco fundamental para compreender o enfrentamento do *bullying* é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que estabelece a proteção integral como direito de toda criança e adolescente. O ECA reforça a ideia de que a escola não deve ser apenas um local formal, mas também um ambiente que assegure a dignidade, a segurança e o desenvolvimento pleno dos alunos (Brasil, 1990).

Além disso, iniciativas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no Brasil, apontam a necessidade de desenvolver competências gerais, como responsabilidade, empatia e cooperação, elementos indispensáveis para uma construção de convivência escolar positiva (Brasil, 2017).

## **Quando Paulo Freire ajuda a compreender a violência simbólica**

Ao refletir sobre o *bullying*, torna-se indispensável compreender que a violência não surge de forma isolada, mas com reflexo de uma sociedade marcada por desigualdades e rivalidades que circulam fora de seus muros. Assim, ao mesmo tempo em que é um espaço privilegiado para a aprendizagem, pode também se tornar palco de exclusão e hostilidade. Essa constatação reforça a necessidade de repensar o papel da instituição escolar como um lugar de resistência contra práticas discriminatórias, investindo em projetos que cultivem valores democráticos, de cooperação e de respeito à diversidade. Não se trata

apenas de combater a violência quando ela ocorre, mas de criar um ambiente em que tais comportamentos não encontrem espaço para se desenvolver.

O estudante 1 afirma que nunca sofreu, porém já presenciou o ato de *bullying* nas redes sociais, onde as pessoas usam comentários para atingir o outro, enquanto, o estudante 2 fala que nunca presenciou o *bullying* pessoalmente. Outro estudante menciona que tanto já sofreu quanto presenciou, ele recebeu diversos apelidos maldosos em relação a sua aparência e, principalmente, o seu corpo, e presenciou com nomes parecidos com o colega.

Um elemento central para esse processo é a formação integral dos sujeitos. A escola não pode limitar-se à transmissão de conteúdos curriculares tradicionais; é preciso incorporar no cotidiano escolar práticas pedagógicas que trabalhem as dimensões emocionais, éticas e sociais dos estudantes. Programas de educação socioemocional, por exemplo, vêm ganhando força em diversos países justamente porque ajudam crianças e adolescentes a reconhecerem seus sentimentos, a compreenderem as emoções dos outros e a desenvolverem habilidades de empatia e diálogo.

Essa abordagem, longe de ser um “acessório” do currículo, deve ser entendida como parte essencial da missão da escola: formar cidadãos capazes de conviver de maneira justa e solidária em uma sociedade plural. Ao integrar essas dimensões ao ensino, a instituição fortalece sua capacidade de prevenir violências e de transformar a cultura escolar.

Outro aspecto que merece destaque é a importância das políticas públicas que sustentam a luta contra o *bullying*. Iniciativas pontuais, isoladas ou restritas a projetos de curto prazo dificilmente geram impactos duradouros. É preciso que governos, secretarias de educação e órgãos competentes garantam investimentos contínuos em formação docente, campanhas educativas e acompanhamento psicossocial de alunos em situação de vulnerabilidade.

Além disso, legislações específicas, como a Lei 13.185/2015, no Brasil, precisam ser aplicadas de forma efetiva, com monitoramento e avaliação constantes. Quando a responsabilidade é assumida de maneira coletiva e respaldada por políticas consistentes, cria-se uma rede de proteção que envolve escola, família e comunidade, oferecendo melhores condições para enfrentar não apenas o *bullying*, mas todas as formas de violência que atravessam a vida escolar (Brasil, 2015).

Nesse cenário, não se pode esquecer o papel do protagonismo juvenil como estratégia de transformação. Dar voz aos estudantes, incluir suas perspectivas e permitir que participem da criação de regras de convivência e campanhas de conscientização fortalece a autonomia e o senso de pertencimento. Ao perceberem que suas opiniões têm valor e que podem atuar como agentes de mudança, os jovens desenvolvem maior responsabilidade coletiva e contribuem ativamente para a construção de um espaço mais acolhedor. Experiências em diferentes contextos mostram que, quando alunos são envolvidos como mediadores de conflitos ou líderes de projetos de combate à violência, os índices de *bullying* diminuem de forma significativa.

Essa ideia também apareceu nas falas dos estudantes entrevistados, que revelaram como se percebem e como reagem diante do *bullying*. Por exemplo, um estudante afirmou: ‘quando vejo um colega sendo zoadado, eu defendo, porque ninguém merece passar por isso’. Essa fala mostra como pequenos gestos de solidariedade são formas concretas de resistência. Outra aluna destacou: ‘eu acho que os alunos também podiam (sic) ajudar, conversando com quem faz *bullying* para parar’. Aqui aparece a noção de protagonismo juvenil, em que os próprios estudantes se veem como agentes de transformação.

Esses depoimentos revelam que, mesmo em contextos de violência simbólica, os estudantes encontram formas de resistência, fortalecendo laços de solidariedade.

O combate ao *bullying* também exige atenção às diferentes formas de discriminação que atravessam o ambiente escolar. Crianças e adolescentes que pertencem a minorias sociais, sejam étnicas, religiosas, de gênero, de orientação sexual sejam de condição socioeconômica, frequentemente se tornam alvos mais recorrentes de violências simbólicas e físicas. Isso demonstra que o *bullying* não pode ser visto apenas como um comportamento isolado de indivíduos, mas como resultado de estruturas de desigualdade que permeiam toda a sociedade. Assim, educar contra o *bullying* é, em grande medida, educar para a cidadania e para o reconhecimento das diferenças como parte constitutiva da vida em comunidade.

## O que ficou em mim: aprendizados e desafios

Mudou em mim a forma de olhar para os silêncios em sala de aula. Aprendi que cada silêncio pode esconder dor, resistência ou cansaço, e cabe ao educador não ignorar esses sinais. Com os estudantes, aprendi que a resistência não é sempre barulhenta. Muitas vezes ela aparece em gestos simples, como o colega que se recusa a rir da piada ofensiva.

Ficou a inquietação: por que ainda é tão difícil transformar as leis e políticas públicas em práticas cotidianas dentro da escola? Como professora em formação, quero criar espaços em que meus alunos sintam que suas vozes têm valor. Como cidadã, reconheço que o enfrentamento do *bullying* precisa do esforço coletivo, família, comunidade e escola juntas.

Encerrar a discussão sobre o *bullying* não significa esgotar o tema, mas reconhecer a complexidade de um fenômeno que atravessa a vida escolar e social em múltiplas dimensões. O enfrentamento dessa violência exige um compromisso que vai além das paredes da escola, envolvendo famílias, comunidades, políticas públicas e a própria sociedade em seu conjunto. Mais do que combater atitudes agressivas, é preciso construir uma cultura de respeito, solidariedade e empatia, capaz de transformar a forma como nos relacionamos com as diferenças. Se a educação tem o poder de abrir horizontes e formar cidadãos, ela também carrega a responsabilidade de romper ciclos de exclusão e violência, preparando novas gerações para um futuro em que a convivência pacífica não seja apenas um ideal.

## Referências

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. **Lei nº 13.185**, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) e altera o Código Penal. Disponível em: gov.br. Acesso em: 07 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

UNESCO. **Por trás dos números**: acabando com a violência e o bullying escolar. Paris: Setor de Educação da UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000366486> . Acesso em: 27 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Estudo sobre o comportamento de saúde em crianças em idade escolar (HBSC) – Destaques. Copenhagen**: Escritório Regional da OMS para a Europa, 2024. Disponível em: <https://www.who.int/europe/initiatives/health-behaviour-in-school-aged-children-%28hbsc%29-study/highlights>. Acesso em: 27 out. 2025.

## Sobre os autores



### **Aline Morais Ferreira**

Bacharela em Serviço Social pelo Centro Universitário FACAM – UNIFACAM. Graduanda do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, pelo Programa de Formação de Professores ENSINAR da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Servidora Pública Efetiva da Prefeitura Municipal de Arari-MA.

**Email:** [alinemoraisferreira03@gmail.com](mailto:alinemoraisferreira03@gmail.com)

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0760513298731167>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5485-646X>



### **Anderson de Jesus Ericeira Fernandes**

Graduando do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, pelo Programa de Formação de Professores ENSINAR da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Atualmente é Servidor Público Efetivo da Prefeitura Municipal de Arari, lotado na Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

**Email:** [andersonericeira.ericera8@gmail.com](mailto:andersonericeira.ericera8@gmail.com)

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5537724217396285>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6322-9659>



### **Jackson Ronie Sá-Silva**

Doutor em Educação (UNISINOS). Pós-Doutor em Educação (UFRGS). Mestre em Saúde e Ambiente (UFMA). Professor Associado no Departamento de Biologia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Líder do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX / CNPq / UEMA). Professor no Doutorado em Ensino da RENOEN (PPG-UEMA). Professor nos mestrados em Educação e Educação Inclusiva (PPGE-UEMA e PROFEI-UEMA). Diretor do Curso de Ciências Biológicas do Programa Ensinar de Formação de Professores da UEMA.

**E-mail:** [prof.jacksonronie.uema@gmail.com](mailto:prof.jacksonronie.uema@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9607-3674>



**Laiane Silva dos Santos**

Graduanda do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, pelo Programa de Formação de Professores ENSINAR da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL). Atua como Coordenadora do programa Busca Ativa Escolar (BAE) e Articuladora do programa Escola e Comunidade (Proec) no município de Matões do Norte – MA.

**Email:** layanesilvasantos52@gmail.com

**Currículo lattes:** <https://lattes.cnpq.br/1530034986231892>

**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0001-8216-6607>



**Liciene Antonia Souza Soares**

Pedagoga pelo Centro Universitário das Américas (FAM). Graduanda do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, pelo Programa de Formação de Professores ENSINAR da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Atualmente é professora da educação básica da Prefeitura Municipal de Arari- MA.

**Email:** licienesousa8@gmail.com

**Currículo lattes:** <https://lattes.cnpq.br/0927202210152717>

**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0001-8752-4565>



**Mariana Saraiva Nunes**

Graduanda do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, pelo Programa de Formação de Professores ENSINAR da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

**Email:** marianasaraiva681@gmail.com.

**Currículo lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5064028203906113>

**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0003-9184-3598>



### **Raquel Soeiro Pestana**

Conselheira Tutelar no Município de Arari-MA (2024–2027). Graduada do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura, pelo Programa de Formação de Professores ENSINAR da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Acadêmica do Curso de Terapia Ocupacional (Uniassevi).

**Email:** [kelpestan@gmail.com](mailto:kelpestan@gmail.com)

Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/1497828238557603>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6489-2470>



### **Vitória Raquel Pereira de Souza**

Pedagoga com habilitação em Supervisão Escolar graduada pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); MBA em Gestão Escolar pelo Instituto Brasileiro de Mercados e Capitais (IBMEC); Especialização em Gestão Pública pela UFMA, Especialização em Psicopedagoga pela Universidade Cândido Mendes - RJ; Especialização em Tecnologias

em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ); Especialização em Educação Profissional Integrada com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos/PROEJA pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA); Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora da Educação Básica e do Ensino Superior. Membro da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), da Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf). Membro do Grupo GP-ENCEX (Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade) e GRUBAKH (Grupo de Estudos Bakhtinianos).

**Email:** [vrp.souza@hotmail.com](mailto:vrp.souza@hotmail.com).

Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/2766211770878086>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9885-1350>